

KAN

espaços de encontro e memória
para a comunidade de são carlos

Tayane Yuri Mezo



espaços de encontro e memória
para a comunidade de são carlos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

**KAIKAN: ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA
PARA A COMUNIDADE DE SÃO CARLOS**

TAYANE YURI MEZO

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

ALINE COELHO SANCHES (ORIENTADORA)
GISELA CUNHA VIANA LEONELLI
JOUBERT JOSÉ LANCHÁ
LUCIANA BONGIOVANNI MARTINS SCHENK
PAULO CÉSAR CASTRAL

COORDENADOR DO GRUPO TEMÁTICO (GT)

DAVID MORENO SPERLING

São Carlos, 2024

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mezo, Tayane Yuri
KAIKAN: ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA PARA A
COMUNIDADE DE SÃO CARLOS / Tayane Yuri Mezo. -- São
Carlos, 2024.
199 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.

1. KAIKAN. 2. Memória. 3. Imigração japonesa. 4.
Espaços de encontro. 5. Comunidade. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

TAYANE YURI MEZO

KAIKAN: ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA PARA A
COMUNIDADE DE SÃO CARLOS

Trabalho de Graduação integrado apresentado ao Instituto de
Arquitetura e Urbanismo da USP - Campus de São Carlos

BANCA EXAMINADORA

Aline Coelho Sanches
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São
Paulo (IAU-USP)

David Moreno Sperling
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
(IAU-USP)

Fabiana Stuchi
Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade
Armando Álvares Penteado (FAAP)

MOTIVAÇÕES

“Tive como motivação principal para escolha do tema e também realização deste trabalho, a curiosidade em entender como a arquitetura pode ser pensada através das histórias das cidades, comunidades e pessoas. A escolha do Kaikan da cidade de São Carlos foi influenciada também pelo contato que tive com a associação ao longo dos meus anos de graduação na cidade, que foram muito importantes para minha formação pessoal e também profissional. Além disso, como nikkei, filha de dekasseguis e neta de imigrantes, acredito que essa proposição temática também deva refletir minha identidade cultural e ancestralidade , visto que entendo a importância e relevância que os kaikan tiveram e ainda tem até hoje para as comunidades dos bairros e cidades do Brasil.”

PREFÁCIO

O presente trabalho é produto da disciplina Introdução ao Trabalho Integrado, ministrado pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. A disciplina é parte do desenvolvimento do Trabalho de Graduação Integrado, que tem como objetivo o desenvolvimento de um projeto de intervenção arquitetônica apresentado na conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo do IAUUSP. O trabalho “KAIKAN: Espaços de encontro e memória para a comunidade de São Carlos “ fez parte do grupo de trabalho (GT) “Intervenções urbano-arquitetônicas firmadas em uma comunidade”, que teve como objetivo comum a investigação arquitetônica através do resgate identitário de um grupo ou comunidade e interação complexa entre sua cultura, memória coletiva e o espaço físico que ocupam.

O projeto resultado desse estudo é uma proposição projetual para duas áreas na cidade de São Carlos que pertencem a Associação Cultural Nipo Esportiva de São Carlos (ACENB) , também conhecida na cidade como Kaikan.

SUMÁRIO

01	INTRODUÇÃO	11
	1.1. KAIKAN	12
	1.2. IDENTIDADE, ESPAÇO E MEMÓRIA	15
02	IMIGRAÇÃO JAPONESA	21
	2.1.BREVE RETOMADA HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	22
	2.2. A FORMAÇÃO DO KAIKAN DE SÃO CARLOS	31
03	O PROJETO DE INTERVENÇÃO	65
	3.1. PARTIDO ARQUITETÔNICO	70

	3.2. DISCUSSÃO SOBRE MATERIALIDADE	72
	3.3.ATLAS: REFERÊNCIAS E METODOLOGIA	78
	3.4. LEITURA DAS ÁREAS	86
	A.1. SEDE DA CIDADE PROPOSTA PROJETUAL	105
	A.2. SEDE DE CAMPO PROPOSTA PROJETUAL	137

04	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	196
----	--------------------------	-----

01

INTRODUÇÃO

KAIKAN: ESPAÇOS DE ENCONTRO E
MEMÓRIA PARA A COMUNIDADE DE
SÃO CARLOS

1.1 KAIKAN

A palavra Kaikan - formado dos termos "kai" (reunião) e "kan" (prédio) - derivado do idioma japonês , pode ser traduzido literalmente como “Associação”, na língua portuguesa. Entretanto, o significado e a simbologia dada a esses espaços no Brasil e em outros países que receberam imigrantes japoneses pode extrapolar a mera tradução literal. Os “kaikans” são espaços que refletem a história da imigração e representam a resistência da comunidade japonesa e seus descendentes até os dias de hoje na cidade, na sociedade, criando locais de encontro e de pertencimento, que hoje em dia é estendido a toda a cidade.

1.2 IDENTIDADE , ESPAÇO E MEMÓRIA

Para chegar até o objeto de estudo principal deste trabalho, o Kaikan, primeiro é preciso entender o contexto histórico da imigração japonesa no Brasil e a forma com que a conjuntura política e histórica influenciaram na construção de uma identidade de resistência por parte dos imigrantes e seus descendentes, o que também reflete no entendimento histórico do significado do Kaikan para a comunidade.

A imigração japonesa, sempre lembrada pelos meios de comunicação atuais de maneira saudosista e amigável, principalmente durante os anos comemorativos da imigração, passou por diversas fases e formas de interpretação pelo imaginário político e social no Brasil. A historiadora Marcia Yumi Takeuchi, através da publicação “Imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas:Preconceito e Imaginário Social (1897-1945) analisa como a imigração japonesa foi interpretada pela mídia e também pela política brasileira durante os seus primeiros anos até a metade do século XX.

É possível perceber que, mesmo antes do início da imigração japonesa acontecer de fato em 1908 , ela foi envolta de um discurso antinipônico que buscava a proibição da entrada de imigrantes japoneses no país. Existia um embate quanto à entrada ou não de imigrantes não europeus no Brasil, dado o projeto político de embranquecimento da população e a circulação tardia dos ideais eugenistas europeus do século XIX na sociedade do período. Através da análise de trocas de correspondência entre o governo Paulista e o Itamaraty realizado por Takeuchi (2016) é possível observar que houve uma resistência por parte do governo federal quanto a entrada de imigrantes de origem asiática no país. O projeto de Nação em voga de construção do imaginário do “homem brasileiro” abordava a imagem do imigrante nipônico como uma ameaça étnica à constituição da população brasileira.

Com base na documentação selecionada no Arquivo Histórico do Itamaraty, no rio de Janeiro, podemos afirmar que o Ministério das Relações Exteriores manteve, na primeira fase da imigração japonesa, uma política negativa com relação à utilização da mão de obra nipônica na agricultura nacional. Essas realidade não se limitava às opiniões emitidas por seu diplomatas no Japão, mas era ratificada pelo Itamaraty, que encaminhava a correspondência antinipônica e contrária à corrente imigratória japonesa aos governos estaduais e ao ministério da Agricultura. Assim, essa postura não se configurava simplesmente em uma oposição passiva, mas sem em uma influência ativa e direta que , se não evitou na prática a entrada de japoneses no Brasil, auxiliou na construção de uma imagem estigmatizada do nipônico no imaginário político brasileiro e também entre a população (TAKEUCHI, 2016, p. 73)

O Decreto Lei nº 528, de 28 de junho de 1890, o qual regulava o serviço de introdução e localização de imigrantes no Brasil

Esse decreto estabelecia a livre entrada no país de indivíduos aptos para o trabalho desde que não estivessem sujeitos à ação criminal em seus respectivos países, exceto os indígenas da Ásia ou da África

Apesar da resistência do governo federal, o governo paulista em 1895 firmou o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, mas sem se estabelecer qualquer ideia quanto à questão da imigração (SAKURAI, 1999, p. 206). A imigração japonesa só foi pensada com mais afinco pelo governo brasileiro, quando, em 1900, começou a surgir um déficit imigratório no Brasil, em que número de saída de imigrantes europeus (27.917) superou o número de entrada deles no país (22.802) (DEZEM, 2005, p. 116), causando uma deficiência na mão de obra. Um exemplo disso foi a restrição adotada pelo governo italiano, que delimitou a vinda de novos contingentes para o Brasil, em 1902. Fato que ocorreu entre os anos de 1903, 1904 e 1907. Diante dessas situações, tornou-se necessária a introdução de mais mão de obra, e então os cafeicultores paulistas começaram a considerar a entrada de imigrantes que não fossem de origem europeia. Portanto, a contratação dos imigrantes japoneses (DEZEM, 2005, p. 117)

Com a política expansionista do Japão no Extremo Oriente e a sua vitória na Guerra Russo-japonesa, mesclam-se novos argumentos nesse discurso, transformando-se em uma “ameaça japonesa”, conhecido como o perigo amarelo: o medo de que as conquistas militares permitissem o domínio da “raça” amarela sobre a “raça” branca. Saindo apenas do discurso de degeneração racial e transformando-se em um discurso relacionado ao perigo político-militar.

Particularmente no Estado novo (1937-1945) a imprensa e os demais meios de comunicação de massa foram utilizados para doutrinar a população de acordo com os interesses da ditadura varguista.

Takeuchi (2016) enfatiza o carácter autoritário do regime estado-novista que , com o objetivo de integrar todas as instâncias ao centro do poder e manter a coesão do regime, investiu contra as minorias étnicas instaladas no Brasil, o que incluía também os imigrantes japoneses. A década de 40 pode ser destacada como o momento de maior repressão aos imigrantes japoneses no Brasil, fato que pode ser exemplificada pela difusão midiática de artigos apresentadas pela historiadora mas também pela existência de propagação de discursos xenofóbico-racistas e até mesmo o aprisionamento de imigrantes em campos de concentração - campos de concentração para imigrantes japoneses em Tomé Açu na Amazônia e no município de Castro, no Paraná.

Segundo dados do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, o período da década de 40, 50 e 60 é o momento de escalonamento da criação dos kaikans no Brasil. Pode-se observar que o “boom” da criação das associações estão diretamente relacionadas ao momento de consolidação da comunidade nipônica no Brasil, mas também a necessidade de articulação e ajuda entre os membros da comunidade, dado a conjuntura política da época. No Brasil, o significado dos Kaikans para a comunidade nipônica ultrapassa a simples tradução da palavra vindo do idioma Japonês, que significa “Associação”. Os kaikans são constituídos historicamente como uma forma de vivência da cultura nipônica no brasil e significava para muitos imigrantes , um lugar de amparo e sociabilidade principalmente durante os anos em que integração na sociedade brasileira era dificultada por fatores como o idioma, etnicidade ou até mesmo a desconfiança política.

Vale ressaltar que, o discurso relacionado ao “amarelo” ainda passa por constante mudança, e atualmente são enfrentados paradigmas como a interpretação do amarelo sob a ótica da “minoria modelo” ou até mesmo ao resgate do termo “perigo amarelo” durante o período da pandemia da COVID-19 que justificou a série de ataques sistemáticos às comunidades amarelas presentes do Ocidente por conta da interpretação racista e xenofóbica de associação do vírus a uma etnia . Os estereótipos do imigrante japonês e seus descendentes mudam com o passar do tempo e muitas vezes a difusão de determinados estigmas está atrelado à conjuntura social e política da época. Todavia, é importante o resgate histórico da trajetória da comunidade japonesa no Brasil até os dias atuais, de uma perspectiva também de resistência de permanência espacial, para entender a forma como foram construídas a sua integração à comunidade das cidades e também a forma como são ocupados os seus espaços de atuação na cidade.

02

IMIGRAÇÃO NO INTERIOR DE SÃO PAULO

2.1

BREVE RETOMADA HISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

A imigração japonesa para o interior paulista ocorreu em um contexto político marcado pela transição do Brasil de uma economia agrária baseada na escravidão para uma economia baseada no trabalho livre e assalariado. Com a abolição da escravidão em 1888, as fazendas de café, que eram grandes usuárias dessa mão de obra, viram-se diante da necessidade de encontrar novas formas de trabalho.

O interesse dos japoneses no Brasil residia na ideia de estabilidade econômica divulgada no exterior - proporcionado pelo sucesso internacional da exportação de café - restrição de entrada de japoneses em outros países e no aumento demográfico da população do Japão. Em 1908, chegou ao Brasil a primeira leva de imigrantes no porto de Santos, com 708 imigrantes japoneses. O destino inicial dos trabalhadores vindos do Kasato Maru¹ foram as fazendas de café dos municípios de Ribeirão Preto (300 pessoas), Sertãozinho (99 pessoas) , São Manuel (49 pessoas) , Indaiatuba (170 pessoas) e São Simão(155 pessoas), segundo dados levantados pelo Memorial do Imigrante.

A imigração japonesa no Brasil, em linhas gerais pode ser dividida em cinco períodos:

Período 1 (1908- 1924): Imigração por iniciativas privadas em parceria com o Governo do Estado de São Paulo (até 1913).

Período 2 (1925 - 1936): Investimento do governo japonês para a imigração

Período 3 (1937 -1951): Imigração durante a guerra;

Período 4 (1952 - 1987): Imigração pós-guerra

Período 5 (1988 - 2005) : Movimento dekassegui² arrum

Período 6 (1988- ao presente): Retorno ao Brasil dos dekasseguis² devido a crise econômica mundial

¹ Kasato Maru foi o navio que, em 1908, transportou o primeiro grupo de imigrantes japoneses vinculados ao acordo estabelecido entre o Brasil e o Japão
² Dekassegui O termo dekassegui em japonês é formado por dois ideogramas (kanji), deru (- sair) e kassegu (- trabalhar para ganhar a vida), sendo aplicado a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar, temporariamente, em outra região.

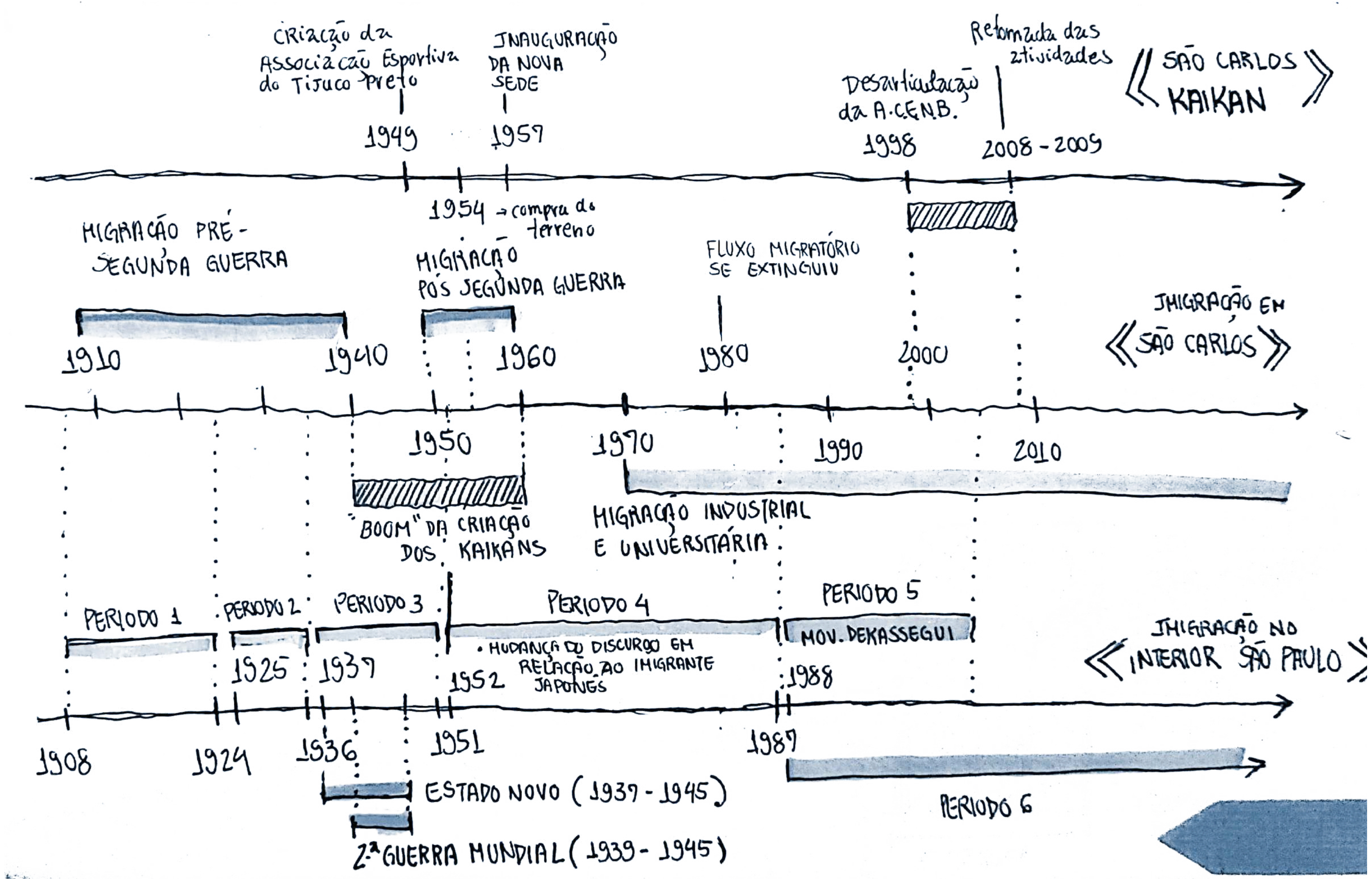


FIGURA 01 -LINHA DO TEMPO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA SÃO CARLOS . ELABORADO PELA AUTORA

Medidas de precaução adotadas pela policia local

Os japoneses não podem residir proximo ao aerodromo

Obedecendo a instruções da Delegacia de Segurança Política e Social, o dr. Viriato Carneiro Lopes, nosso corrêto e criterioso Delegado de Polícia, vem exercendo severa vigilancia em torno dos elementos suspeitos da quinta-coluna, notadamente os súditos do Japão.

Nesse sentio, tendo notado que cerca de 15 famílias nipônicas possuem chacaras nos arredores do nosso campo de aviação, determinou que esses cidadãos entreguem suas propriedades agricolas à direção de um brasileiro, e transfiram sua residencia. Para isso, foi determinada a area compreendida entre o bairro do Matadouro e Agua Vermelha, onde serão distribuidos os japoneses, de modo a não constituirem nucleos. Ai, poderão eles continuar suas atividades agricolas sossegadamente.

A Policia local exerce continua, mas discreta, vigilancia em torno dos elementos suspeitos, tendo já apreendido diversas armas de fogo, em poder desses individuos, muitos dos quais já exerceram atividades militares em sua terra de origem.

A nossa população póde, portanto, permanecer tranquila, por quanto as autoridades policiaais locais estão perfeitamente habilitadas a impedir qualquer tentativa de subversão da ordem.

FIGURA 02 - REPORTAGEM SOBRE O CONFISCO DE BENS DE FAMÍLIAS JAPONESAS. CORREIO DE SÃO CARLOS, 16 DE ABRIL DE 1942. ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS



FIGURA 03 - KASATO MARU, EM 1908 NO PORTO DE SANTOS. MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

Passados o primeiro e segundo período da imigração japonesa no Brasil (1908-1936) que compreendem o momento anterior à eclosão da guerra, a imigração japonesa entra em sua terceira fase (1937 - 1951), marcada pelo contexto da tensão da 2ªGuerra Mundial (1939- 1945) e pela ditadura do Estado Novo de Vargas (1937 -1945). Segundo dados da pesquisa de 2021 do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, esse período compreendido pela década de 40, 50 e 60 , foi também o momento de “pico” de fundação dos kaikans no Brasil. Dos 425 kaikans mapeados e registrados pelo estudo, 244 associações tiveram sua data de fundação durante o período citado, muitos deles com data de criação logo após o fim da guerra, apesar de já terem registros de articulações informais anteriores ao ano registrado. O kaikan de São Carlos foi fundado nesse mesmo contexto, no ano de 1949, quatro anos após o final da segunda guerra mundial, sob o nome de “Associação Esportiva do Tijuco Preto”.

A primeira sede do Kaikan da cidade estava localizada na chácara Iwajiro Toyama, região que hoje corresponde aos arredores da Rua Iwajiro Toyama, no Bairro Cidade Jardim.

Com a dilatação do tempo de permanência dos imigrantes japoneses no Brasil e a tensão gerada pelo contexto da guerra, os kaikans se tornaram verdadeiros “refúgios” onde a convivência com outros imigrantes frequentadores , alimentava as esperanças de retorno ao Japão e os laços comunitários. A situação dos imigrantes japoneses residentes no Brasil tornou-se mais difícil durante o Estado Novo. Neste período, já havia um clima de tensão entre Estados Unidos e Japão na disputa pela supremacia no Pacífico. O governo brasileiro, como aliado dos norte-americanos, reproduzia no país as hostilidade contra os japoneses. Agregava-se isso ao crescente sentimento nacionalista em voga no Brasil, com discussões que abordavam a constituição de um “povo brasileiro”, exigindo a assimilação da cultura nacional por parte dos imigrantes.

“A eclosão da Segunda Guerra Mundial significou para muitas comunidades japonesas perseguições , confisco de bens e supressão de suas práticas culturais”

“Comunidades inteiras foram evacuadas, famílias foram enviadas a fazendas de isolamento (campos de concentração) e muitas tiveram imóveis, dinheiro e todos os bens de valor tomados para serem incluídos no fundo de indenização da guerra”

Caderno de pesquisa, A presença japonesa em São Carlos, Fundação pró-memória p.43)

A proibição de publicações de jornais em língua estrangeira isolou as colônias, que passaram a não receber notícias do Japão ou da comunidade nipônica no Brasil, gerando a desarticulação dos grupos. A comunidade continuava a sofrer perseguições, restando apenas uma aproximação idealizada com o Japão e o ressentimento com o Brasil. Com o fim da Guerra e a rendição anunciada pelo próprio imperador japonês pela rádio, muitas comunidades nipônicas entraram em colapso devido à ruptura da imagem idealizada de seu país de origem e as dificuldades que enfrentaram durante a guerra.

Segundo o pesquisador Takashi Maeyama , até a década de 1950, muitos imigrantes japoneses ainda buscavam referências em sua sociedade de origem, o Japão, incluindo neste processo o culto ao imperador, como marco de “niponicidade”. Com a derrota na perda da base do culto ao Imperador e as mudanças sócio-econômicas pelas quais passaram, fizeram com que os japoneses repensem sua vida no Brasil e assumissem sua permanência definitiva

Durante o pós-guerra , iniciou o quarto período da imigração japonesa para o Brasil (1952-1987). A imigração japonesa foi retomada , motivada principalmente pelo caos e destruição infligidos ao Japão, em especial após os ataques atômicos a Hiroshima e Nagasaki e o interesse do Brasil em imigrantes com bagagem técnica que pudessem contribuir com o projeto desenvolvimentista predominante na época. Este foi o momento em que o discurso a respeito do imigrante japonês também se alterou, e os cinquenta anos do início do processo imigratório passaram a serem saudados por muitos brasileiros.

Após a retomada do processo imigratório japonês, em 1952 novas levas de trabalhadores chegaram ao Brasil. Desta vez, porém, era exigido dos imigrantes uma bagagem técnica, que viesse a contribuir com o projeto desenvolvimentista do país.

Da década de 1950 em diante, cerca de 50 mil japoneses emigraram, sendo que, a partir da recuperação da economia japonesa dos anos 1960 e as modificações do sistema econômico brasileiro, com os investimentos mudando do setor agropastoril para o industrial, o números foi decrescendo, até o fluxo imigratório cessar em 1980. Como já descrito anteriormente, essa nova leva teria que passar por um processo de seleção prévio, que levaria em conta sua contribuição profissional e técnica , sua formação no Japão e as possibilidades de contribuição para um país em busca de desenvolvimento econômico. Vale destacar também que esse grupo de imigrantes, diferente dos grupos que se estabeleceram no momento posterior à Segunda Guerra, não tinham planos de retornar ao Japão.

2.2

A FORMAÇÃO DO KAIKAN DE SÃO CARLOS

São Carlos fazia parte da área conhecida como zona velha do café, região de São Paulo que durante o final do século XIX e início do século XX dominou a produção cafeeira no estado. Até a década de 30 , a motivação principal para imigração na cidade foi a economia cafeeira, tanto para o trabalho nas fazendas quanto para as outras atividades correlacionadas. A entrada de trabalhadores de vários setores e imigrantes de culturas diversas deram à cidade muitas características que ainda hoje podem ser observadas em seu perfil físico e social, na arquitetura, culinária e sotaque da população.

O início da imigração japonesa na cidade não foi registrada em levantamentos de censos locais, entretanto, alguns registros apontam a presença destes a partir da década de 1910 .Segundo dados levantados pela Fundação pró-Memória de São Carlos, é possível constatar três grandes períodos que marcam a entrada de imigrantes japoneses na cidade: de 1910 a 1940 - período da migração Pré-segunda guerra; de 1950 a 1960 - migração pós segunda guerra e a partir de 1970 - migração industrial e universitária.



FIGURA 04 - ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA DO TIJUCO PRETO, NA CHÁCARA TOYAMA. ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS

Década de 1910 à década de 1940: Migração Pré-segunda Guerra

Em meados de 1910, um grupo de imigrantes japoneses se estabeleceu no distrito de Santa Eudóxia com o objetivo de trabalhar na formação de uma plantação de arroz do Senador Alfredo Ellis. O projeto não obteve sucesso por conta das dificuldades climáticas e físicas da região, mas gerou registros da presença de colônias japonesas no Município - Colônias de Canaã e Lourdes.

Essa primeira etapa da imigração em São Carlos corresponde, no contexto geral da história da imigração japonesa no interior do estado de São Paulo, ao período em que houve um grande fluxo de chegada de imigrantes por iniciativas privadas e em parceria com o Governo do Estado (até 1913) e investimentos do governo japonês para imigração (1925 - 1936). Nos anos iniciais, a imigração japonesa para o interior paulista foi custeada e incentivada pelo próprio governo de São Paulo. Entretanto, a partir de 1913, o movimento migratório deixa de ser subsidiado pelo governo paulista e passa a ser subsidiada pela Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha, órgão executivo da política de emigração do governo japonês.

Um fenômeno que se iniciou já nos primeiros anos da Imigração foi a aquisição, por parte das empresas de imigração de grandes áreas no interior paulista, para instalar os shokuminchi - núcleos ou núcleos coloniais. Em algumas regiões os imigrantes japoneses se organizaram em cooperativas de produtores agrícolas. Em São Carlos não há registro de formação de cooperativas agrícolas, porém a comunidade desde cedo formou núcleos em que se desenvolviam o cultivo agrícola. Segundo registros da Câmara Municipal de São Carlos, Iwagiro Toyama, depois intitulado como “Cidadão Honorário” de São Carlos, chega a cidade em 1924 junto com outras famílias japonesas que formam o núcleo nipônico do bairro do Tijuco Preto, onde mais tarde, em 1949, seria fundada o Kaikan da cidade. Além desse grupo de imigrantes, existem registros compilados pelo Pró-memória de São Carlos que mostram a existência de outros núcleos nipônicos. A área que fica atrás da Santa Casa era organizada em chácaras de hortaliças e criação de bicho-da-seda, e na chácara Mattos, na região do Monjolinho, lotes eram arrendados para a produção de verduras. Nos anos seguintes os japoneses continuaram formando chácaras ao redor da cidade, como nas granjas da região hoje ocupada pela UFSCAR e pelas propriedades nas regiões hoje compreendidas como Vilas Monteiro, Santo Antônio e Jardim Cardinalli. Essas áreas de cultivos, muitas vezes ocupadas pelas comunidades japonesas, formavam o “cinturão verde” da cidade.



FIGURA 05 - ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA DO TIJUCO PRETO, NA CHÁCARA TOYAMA, DÉCADA DE 1950. ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS.



IMIGRAÇÃO JAPONESA EM SÃO CARLOS

KAIKAN _ ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA PARA A COMUNIDADE DE SÃO CARLOS

IMIGRAÇÃO JAPONESA NO INTERIOR PAULISTA

CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO NO BRASIL

KAIKAN _ ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA PARA A COMUNIDADE DE SÃO CARLOS

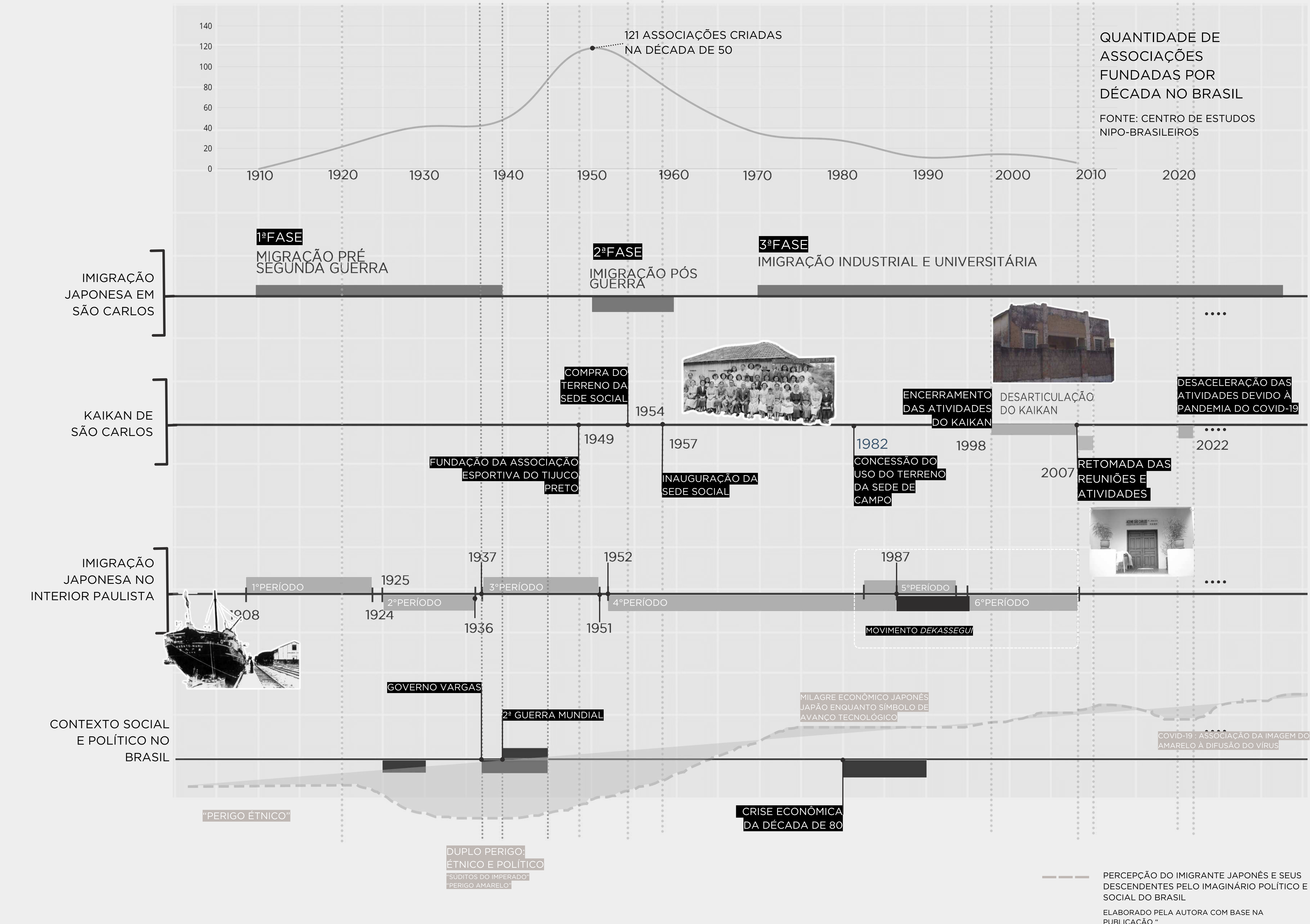


FIGURA 06 - LINHA DO TEMPO SÍNTESE SOBRE A HISTÓRIA DO KAIKAN DA CIDADE E O CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO



KAIKAN _ ESPAÇOS DE ENCONTRO E MEMÓRIA PARA A COMUNIDADE DE SÃO CARLOS

FIGURA 07- FESTIVAL NA ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA DO TIJUCO PRETO, COM DIVERSAS APRESENTAÇÕES CULTURAIS. SÃO CARLOS, 1950. ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ MEMÓRIA DE SÃO CARLOS



Década de 1950 à década de 1960: Migração pós segunda Guerra

O pós-guerra trouxe a rearticulação das comunidades japonesas no Brasil, em especial , com a retomada das atividades das associações. Em São Carlos , no dia 5 de maio de 1949, foi criado o Kaikan da cidade, institucionalmente conhecido na época como Associação Esportiva do Tijuco Preto. Funcionando em uma construção rural de madeira, a associação desenvolvia atividades voltadas às lutas marciais japonesas, atividades culturais ligadas às danças e ao teatro de origem japonesa , gincanas e atividades esportivas diversas. A primeira diretoria formada foi encabeçada por Nelson de Camargo Lima. A presença de brasileiros na presidência de uma associação japonesa se justificava pela legislação vigente na época , que determinava que japoneses e descendentes não poderiam ocupar cargos de cunho político, inclusive nas associações étnicas.

“A Nipo começou assim...O clube começou ali na Cidade Jardim, num barracão feito de madeira. Não sei se era pós-guerra, podiam fazer reunião, mas não podiam ter presidente japonês... Era uma exigência municipal, se quisesse fundar, fazer reuniões tinha que haver um amigo brasileiro junto... Tudo por causa da guerra. Como eram contra os japoneses, o vigia servia para que os japoneses não fizessem planos...”]

(Relato de Jarbas Tuboi, cedido ao pró memória de São Carlos em 2011)

Em 1954, a associação adquire um novo terreno , onde hoje é localizada a sede social, o kaikan da cidade , área de intervenção 1 da proposta projetual mostrada mais adiante no caderno. Em 1960, com o fim do veto à presidência de japoneses, e descendentes, a Associação passou a direção do nissei Casimiro Toyama, e um novo estatuto foi firmado. Nesse documento, a instituição passou a se chamar Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira de São Carlos (AECNB).

O KAIKAN E A CIDADE

Durante o período pós guerra, a Associação Esportiva e Cultural Nipo- brasileira de São Carlos promovia atividades diversas, desde aquelas destinadas à preservação e vivência da cultura japonesa até práticas esportivas e de lazer que envolviam a sociedade são-carlense. O local de encontros quase proibidos durante o período de guerra e tensão política, agora nesse novo período começava a se abrir para a cidade. As atividades da Associação se ampliaram, sendo a sede local de diversos eventos voltados à comunidade e atividades sociais que podiam ser também apreciadas por não descendentes, como brincadeiras dançantes e carnavais.

Na Nipo tinha futebol, tinha dança e tinha sempre festividade, tinha karaokê, naquela época era Nodojiman. Não tinha disco, não tinha CD, você cantava no gogó. Convidava Araraquara, as vezes, fazia festa aqui, e nós íamos lá, futebol também nós íamos lá. Era ativa a Nipo. Tinha judô, tinha tudo. Hoje está meio parado, já faz um tempo. Eu comecei a frequentar a Nipo em 1952, logo que eu vim aqui já entrei como sócio. A Nipo era ativa naquela época. Então quem tinha caminhonete, pegava as moças, a rapaziada e ia pedir nas fazendas. Então o fazendeiro mais abastado dava leitoa , galinha, agora o mais pobre dava abóbora. Aí nós dávamos tudo para a Igreja isso. Aí eles faziam galinha assada, frango assado, leitoa assada e vendia na quermesse. E a japonesada tinha participação, aí era para a Igreja, outra parte era para Nipo.

Relato de Mário Nakazato (80 anos no momento da entrevista) cedido ao pró-memória em 2011.

FIGURA 8- CARNAVAL DE RUA EM SÃO CARLOS. ACERVO ACENB



Nipo-Brasileiro — tradicional clube que nunca deixa de prestigiar as comemorações de sua cidade, deverá apresentar-se, também este ano, nos festejos momísticos de São Carlos, inclusive no Carnaval de rua.

FIGURA 09- NOTA SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA ACENB NO CARNAVAL DA CIDADE EM 1978. FOLHA DE SÃO CARLOS, 12 DE JANEIRO DE 1978. ACERVO FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA



FIGURA 10- REUNIÃO DO KAIKAN NA SEDE SOCIAL .
ACERVO ACENB

Ao longo desses anos a Nipo ganhou destaque , em especial, na prática esportiva, atraindo praticantes da cidade toda. Em São Carlos, os primeiros registros das artes marciais japonesas datam de setembro de 1915, quando na fazenda de Santa Eudóxias fora realizada festas esportivas entre japoneses , trabalhadores da lavoura de arroz , das colônias de Canaã e Lourdes, na qual se destacou a luta de jiu-jitsu apresentada pela primeira vez nessa localidade , onde muitos habitantes foram prestigiar os eventos.

Em 1982, a Associação Nipo-Brasileira recebeu da Prefeitura Municipal a concessão de uso de um terreno no bairro Varejão - área 2 do projeto apresentado para esse trabalho. Essa área foi destinada à montagem do clube de campo da Associação que trouxe novas possibilidades de atuação e desenvolvimento de atividades.

O ESVAZIAMENTO E DESATIVAÇÃO DO KAIKAN NA DÉCADA DE 1990

À partir da década de 1970, a imigração japonesa cessou, sendo que as entradas não mais se configurava como um movimento imigratório, mas sim de pessoas que possuíam capacidade econômica ou recursos para aplicação no país. Assim, o deslocamento de japoneses e descendentes no Brasil se davam entre as colônias locais . Em São Carlos, as entradas de japoneses e seus descendentes destinavam-se, em especial, para o parque industrial e para as Universidades locais.

Na década de 1990, porém, com a ascensão do movimento dekassegui houve um refluxo da comunidade japonesa de retorno ao Japão.O termo dekassegui em japonês é formado por dois ideogramas (kanji), deru (sair) e kassegu (trabalhar para ganhar a vida), sendo aplicado a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar, temporariamente, em outra região. Originalmente, este termo era aplicado aos trabalhadores sazonais, principalmente do norte do Japão, que no inverno procuravam trabalho mais ao sul. Hoje, no Japão, este termo é aplicado aos trabalhadores estrangeiros temporários que estão naquele país com o intuito de ganhar dinheiro (exclui os expatriados trabalhadores de firmas estrangeiras). No Brasil, a apropriação do termo ganhou contornos mais específicos, referindo-se aos brasileiros de origem nipônica e suas famílias que emigram para o Japão em busca de trabalho o chamado "fenômeno dekassegui".

A principal motivação para o engajamento na empreitada dekassegui foi a crise econômica profunda que atingiu o Brasil na década de 1980, enquanto que o Japão vivenciava um boom econômico e, ao mesmo tempo, uma crescente falta de mão-de-obra. O Japão tinha necessidade de mão-de-obra e interesse na contratação de trabalhadores estrangeiros. Com um grande número de estrangeiros ilegais no país, oriundos principalmente de países asiáticos da proximidade do país, o governo japonês optou por privilegiar a entrada de imigrantes nisseis e sanseis latino-americanos devido a então proximidade etnico-cultural, o que facilitaria, em tese, a assimilação da cultura nipônica.

Não é conhecida a quantidade exata de nipo-brasileiros de São Carlos que se engajaram no movimento dekassegui, porém, é conhecido seu efeito sobre a comunidade local: o esvaziamento e a sua desarticulação.

"Ata de reunião de diretoria

Aos dez dias do mês de agosto de um mil novecentos e noventa e oito, às 20h30, na sua sede social, reuniu-se a diretoria da A.E.C. nipo-Brasileirs de São Carlos, sob a presidência do Sr. José Antônio e com as presenças dos diretores: Tatsuo Ambo, Everson Otani, Milton M. Kawachi, Jorge Kawano, para discussão dos assuntos seguintes:

1º) Colocação de um casal para morar nos fundos da sede social, devido a alguns acontecimentos havidos, principalmente o apedrejamento do telhado. o referido casal deverá residir nesse local na qualidade de inquilinos, evitando-se com isso problemas futuros.

2º) Pintura do forro e banheiros, bem como reformar-se a secretaria, aumentando-se a área útil.

Colocados em votação pelo Presidente, o diretor Tatsuo Ambo informou que já tem um casal interessado, o cabeça é o senhor Diolindo, pessoa de sua confiança. Tal nome foi apontado e estipula-se um aluguel simbólico de R\$ 30,00 (trinta reais) mais despesas de luz e água. Com respeito ao item 2º foi aprovado por todos, devendo fazer orçamentos para discussão do melhor preço e condições, marcando-se nova reunião para o acerto final, sem previsão de data. Nada mais havendo a ser tratado, o Sr. presidente deu por encerrada a reunião e eu, Jorge K. Kawano lancei a presente ata que vai por mim assinada e pelos demais."

A citação acima é a transcrição da ata de reunião da diretoria da Associação nipo-brasileira de 10 de Agosto de 1998. Empauta, a desativação da sede social e a colocação de inquilinos no imóvel. Este é o ultimo registro localizado das atividades da Associação na década de 1990, retirado do acervo da ACENB.

Ata de reunião de diretoria

Aos dez dias do mês de agosto de um mil novecentos e noventa e oito, às 20.30 Hs., na sua sede social, reuniu-se a diretoria da A.E.C. nipo-Brasileira de São Carlos, sob a presidência do Sr. José Antônio de Mês, e com as presenças dos diretores: Tatsuo Ambo, Everson Otani, Milton M. Kawachi, Jorge Kawano, para discussão dos assuntos seguintes:

1º) Colocação de um casal para morar nos fundos da sede social, devido a alguns acontecimentos havidos, principalmente o apedrejamento do telhado. O referido casal deverá residir nesse local na qualidade de inquilinos, evitando-se com isso problemas futuros.

2º) Pintura do forro e banheiros, bem como reformar-se a secretaria, aumentando-se a área útil.

Colocados em votação pelo Presidente, o diretor Tatsuo Ambo informou que já tem um casal interessado, o cabeça é o Sr. Diolindo Azeite, pessoa de sua confiança. Tal nome foi apontado e estipulou-se um aluguel simbólico de R\$=30.00 (trinta reais) mais despesas de luz e água. Com respeito ao item

2º foi aprovado por todos, devendo fazer orçamentos para discussão do melhor preço e condições, marcando-se nova reunião para acerto final, sem previsão de data. Nada mais havendo a ser tratado, o Sr. Presidente deu por encerrada a reunião, e eu, Jorge K. Kawano lancei a presente ata, que vai por mim assinada e pelos demais.

Jorge K. Kawano

Everson Otani

FIGURA 11 - ATA DA ÚLTIMA REUNIÃO DO KAIKAN ANTES DO ENCERRAMENTO DAS SUAS ATIVIDADES. ACERVO ACENB

REARTICULAÇÃO DO KAIKAN E REABERTURA EM 2007

Para entender um pouco melhor o processo de reabertura do kaikan, foi realizada uma conversa com a Sandra Kaibara, uma das responsáveis pela reabertura da associação entre os anos de 2007 e 2010. A reinauguração da sede social aconteceu um ano após a retomada das atividades do kaikan. Apesar dos encontros não acontecerem em um local fixo durante esse período, a rearticulação começou a ser feita através da liderança de Massao Akizaka, Oswaldo Kado, com apoio de Sandra Kaibara (que depois ocupou o cargo de primeira presidente do Kaikan após a reabertura). Segundo o relato coletado, em 2007 houve a festa das nações em São Carlos, promovida pelo governo de Nilton Lima. Nessa festa, Massao e Oswaldo estavam em uma barraca, quando encontraram com a Sandra no evento e trouxeram a discussão de uma possível reabertura do kaikan, que estava fechado a mais de uma década. Assim, o kaikan se São Carlos retomou suas atividades primeiro através de reuniões na casa de Otávio Kado, irmão de Oswaldo Kado.

No mesmo momento em que as primeiras reuniões de rearticulação aconteciam, o centenário da imigração japonesa se aproximavam, e com isso o grupo de origami do kaikan, que já se reunia no auditório da Estação de São Carlos, foi convidado para confeccionar a decoração da exposição do centenário da imigração exposta na catedral da Sé. Uma comitiva do Bunkyo de São Paulo foi enviada para São Carlos, por conta do centenário da imigração. Na época eles também colaboraram com a retomada das atividades.

FIGURA 12- IMAGEM EXTERNA DA SEDE SOCIAL EM 2010, APÓS MAIS DE DEZ ANOS DE DESATIVAÇÃO DAS ATIVIDADES. ACERVO ACENB





FIGURA 13- IMAGEM EXTERNA DA SEDE SOCIAL EM 2010, APÓS MAIS DE DEZ ANOS DE DESATIVAÇÃO DAS ATIVIDADES . ACERVO ACENB

Segundo o relato de Sandra, na época houveram alguns problemas relacionados a retomada das atividades na sede social. Como mostrado no documento da ata de reunião de encerramento das atividades do Kaikan, após o fechamento da associação, foi alocado inquilinos dentro da sede, com o intuito deles cuidarem do local, durante o período de desarticulação da comunidade. Entretanto, no período da retomada de atividades, houve uma resistência por parte dos inquilinos em deixar o local, por isso a retomada da sede social aconteceu apenas momentos após da retomada das atividades da associação. Por outro lado, durante o período de desarticulação, a sede de campo (área 2) ficou sob os cuidados do time de futebol da cidade.

Um comissão foi criada entre os anos de 2008 e 2009 para iniciar o processo de regulamentação da Associação Nipo-Brasileira e organizar atividades junto à comunidade, formada por Sandra Kaibara (presidente), Rita Tamae Goto Takara (vice-presidente), Romeu Yamada (tesoureiro), Osvaldo Haruo Kado (diretor esportivo), Eduardo Wakizawa (diretor social) e Cristina Mie Nakazato Circelli (Secretária). Durante esse período inicial a associação promoveu cursos de origami, língua japonesa, formação do grupo Yanagi Taiko (2007), além de promover o primeiro Undoukai da cidade e a festa Haru Matsuri. Grupos como os times de beisebol e softbol da Ufscar e a Associação São Carlos de kendo também aderiram ao kaikan nesse período.

FIGURA 14- SEDE SOCIAL APÓS REFORMA E RETOMADA DAS ATIVIDADES DO KAIKAN. ACERNO ACENB, 2026



FIGURA 15- SEDE SOCIAL APÓS REFORMA E RETOMADA DAS ATIVIDADES DO KAIKAN, PARTE INTERNA . ACERNO ACENB, 2026



FIGURA 16- SEDE SOCIAL, FESTA JUNINA . ACERNO ACENB, 2016



FIGURA 17 7º SÃO CARLOS MATSURI . ACERNO ACENB, 2014





FIGURA 18- 7º SÃO CARLOS MATSURI, BARRACA DA ACENB . ACERNO ACENB, 2014



FIGURA 19- CONFRATERNIZAÇÃO INTERNA NA SEDE SOCIAL. ACERNO ACENB, 2014



FIGURA 20- REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS ATIVIDADES DO KAIKAN. FONTE: ACERVO ACENB



FIGURA 21 - CONFRATERNIZAÇÃO INTERNA NA SEDE SOCIAL . ACERNO ACENB, 2023

03

O PROJETO DE INTERVENÇÃO



ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA, UM LUGAR PARA A COMUNIDADE

Lugares de memória são locais, objetos ou eventos que simbolizam a memória coletiva de uma sociedade. Esses lugares servem como âncoras para a identidade e a memória de uma comunidade (NORA, 1993)

O Kaikan é um lugar de memória. Ele simboliza a memória coletiva da imigração japonesa tanto para os membros da associação quanto para a cidade de São Carlos. A presença do kaikan na cidade até os dias de hoje é sempre rememorada pelas comemorações, eventos culturais e festividades. O kaikan também é parte da memória da cidade.

Antes de mais nada, a proposta de intervenção para as duas áreas parte de uma vontade maior de projetar para as pessoas: espaços que possam ser apropriados e que permitam o encontro e a confraternização. Espaços que possam servir para a comunidade da cidade.

3.1 PARTIDO ARQUITETÔNICO

ÁREA 01 - SEDE SOCIAL

Rompimento da divisão interior x exterior

Possibilitar uma aproximação do kaikan com a praça e com o bairro

Conservação do espaço de encontro multifuncional que existe hoje, apenas melhorando seus aspectos arquitetônicos

ÁREA 02 - SEDE DE CAMPO

Criação de uma infraestrutura apropriada para para receber atividades internas do kaikan e eventos para o público da cidade

Potencializar a relação com a paisagem e relevo.

O projeto de reformulação do Kaikan de São Carlos pode ser resumido nas seguintes intenções:

- 1)Projetar para a comunidade, criação de espaços que possibilitam o encontro
- 2)Recuperar a história de resistência do kaikan e sua ligação com a história da cidade
- 3)Nova interpretação dos usos dos materiais - recuperação da história do desenvolvimento das moradias urbanas em São Carlos
- 4)Interpretação da forma de constituição de espaço da arquitetura japonesa.
- 5)Elementos estruturais - pilares e vigas de madeira lamelada colada (MLC)

3.2

DISCUSSÃO SOBRE MATERIALIDADE

A evolução e transformação das moradias urbanas de São Carlos está diretamente ligada ao processo de renovação e modernização da cidade a partir da instalação do transporte ferroviário, possibilitado pela economia do café. Antes da chegada da ferrovia, as moradias da cidade eram majoritariamente feitas de taipa de mão, com telhas coloniais com estruturas em madeira. À partir da introdução da ferrovia, novos materiais chegaram à cidade o que possibilitou a entrada de novos materiais e a transformação das moradias da cidade.

Em 1884, a ferrovia chega à cidade, encurtando distâncias e colocando o fazendeiro do café mais perto de São Paulo e também da Europa. As ferrovias facilitam a chegada dos materiais de construção importados, prontamente empregados por pedreiros e construtores de predominância italiana na cidade, que conheciam as técnicas construtivas para se executar os tipos de moradias urbanas que estavam em voga na cidade: o Ecletismo.

“Esse ecletismo, “caído do céu”, onde praticamente tudo vinha de fora , materiais e técnicas importadas, aplicados por uma mão-de-obra estrangeira e de acordo com uma estética estranha à sociedade local, comoveu não só o paulista da capital, mas também o do interior” (BORTOLUCCI, p.87)

“...À medida que a técnica de alvenaria de tijolos ia se afirmando, diminuíram-se os taapeiros e carpinteiros e aumentaram os pedreiros e construtores, quase todos italianos...” (BORTOLUCCI, p.124)

Mesmo nos dias atuais é possível observar na paisagem do centro histórico da cidade e também nos bairros do entorno a predominância de casas executadas seguindo o estilo da arquitetura Eclética, ou derivações desse estilo, que foi associada ao período cafeeiro de São Carlos.

Através da história dos materiais é possível observar também a história da cidade o contexto que possibilitou a escolha de determinadas técnicas construtivas. Para o projeto de reformulação arquitetônica do Kaikan de São Carlos, a materialidade escolhida será uma das formas principais de veiculação do partido dos projetos da área 1 e 2. A começar pela estrutura, optou-se por utilizar o sistema de pilares e vigas de madeira lamelada colada(MLC). A madeira sempre foi uma material presente nas construções da cidade, desde seu período colonial em que a madeira era utilizada para compor os painéis de vedação de terra e também a estrutura das casas, até o momento em que foi utilizada para compor a estrutura de cobertura e esquadrias das construções do período cafeeiro. As esquadrias de madeira eram combinadas com a estrutura de alvenaria, executada pelos imigrantes italianos.

No contexto atual, a madeira industrializada,ou engenheirada- principalmente o MLC e CLT - tem sido apontada como uma alternativa mais sustentável a materiais como o aço e o concreto que são amplamente utilizados na construção civil. A escolha da madeira engenheirada para ser um elemento de destaque nos projetos das duas áreas, é uma decisão que reflete o contexto atual da construção no Brasil e ainda pode refletir a história dos materiais de construção da cidade. Nesse sentido a alvenaria perderá sua função estrutural nos projetos, mas ainda sim será utilizada nas duas áreas. A alvenaria, antes estrutural, agora assumirá uma função mais “leve”: será usada como sistema de vedação das edificações.

Ainda, o uso de materiais transparentes e translúcidos no projeto será um elemento importante para acentuar a permeabilidade visual entre os espaços internos e externos das construções.

28/04/2024

1884 → Processo de renovação e modernização à partir da instalação da ferrovia. Determinou transformações na forma de morar.

Transporte ferroviário → encurtou distâncias

↳ colocou o fazendeiro de café de São Carlos mais perto de São Paulo e da Europa

↳ facilitou a chegada de materiais de construção importados, prontamente empregados por pedreiros e construtores de predominância italiana, que conheciam as técnicas construtivas

(p.87) - "Esse ecletismo, "caído do céu", onde praticamente tudo vinha de fora, materiais e técnicas importados, aplicados por uma mão-de-obra estrangeira e de acordo com uma estética estranha à sociedade local. -, comoveu não só o paulista da capital, mas também o do interior."

final do XIX - início do sec. XX

↳ Acentuação do Ecletismo pela elite do café

↳ tentativa de imitar os modelos europeus e os modelos paulistas

→ São Carlos não teve o "neoclássico paulista" e nem desfrutou da atuação de profissionais, da mesma forma que São Paulo, ligados à ortodoxia dos famosos "tradadistas" e que pudessem realizar obras como o Museu do Ipiranga (Bezzi) e as secretarias de Estado (Ramos de Azevedo).

Ecletismo nas moradias de fazendeiros

Residência das camadas menos abastadas da população

Processo de evolução da moradia São Carlense

1º PERÍODO

2º PERÍODO

3º PERÍODO

< 1850-1880 >

Produção de moradias influenciadas pela arquitetura tradicional

< 1880-1914 >

Manifestações Ecleticas Europeias

< 1914/1930 >

Expressão nacionalista neo colonialista

Esse período se encerrou com a instalação da ferrovia

Uso da taipa, telha colonial com beirais, disposição interna dos ambientes enfileirados e mal iluminados

⇒ (p.124) "... à medida que a técnica da alvenaria de tijolos ia se afirmando, diminuíam os tapeiros e carpinteiros e aumentavam os pedreiros e construtores, quase todos italianos..."

→ Introdução do uso corrente do tijolo, em São Paulo e nas principais cidades do interior foi obra do imigrante italiano (p.125)

FIGURA 22- ANOTAÇÕES REALIZADAS PARA ESTUDO . ACERVO PESSOAL DA AUTORA

MADEIRA

↳ No início da ocupação urbana, as madeiras necessárias para a construção puderam ser obtidas diretamente na própria região, através da exploração indiscriminada da vegetação natural e primitiva.

↳ Perobas, Tabebuás, Canelas, cedros, Sucupiras, guavantãs e sagueiraris

↳ grande extensão de pinheiros que até carregaram a inspirar o nome do lugar

AREIA E PEDRA

↳ Areia de boa qualidade encontrada na região Mogi-Guaçu, Feijão, Laranja Piedra, Água Fria e Água Quente. → emprego no concreto até 40

↳ Pedra mais utilizada → arenito, muito encontrada na região. → Alicerce, calçadas, lastro de contra-piso e acabamentos e revest. externo

Facilidade do transporte → abandono das técnicas tradicionais que sobreviviam apenas com os materiais disponíveis na região

NOVOS MATERIAIS

vidros begas, coloridos, lisos, lapidados ou lasqueados, telhas de ardósia e de cerâmica de Maracá, papéis de parede, tintas a óleo e ingredientes para a execução de massas para revestimentos e ornatos, mosaicos, ladrilhos e azulejos, colunas de ferro forjado e fundido, ferragens, louças sanitárias, chapas de cobre e zinco, mármore, cimento

FIGURA 23 - ANOTAÇÕES REALIZADAS PARA ESTUDO . ACERVO PESSOAL DA AUTORA

Mesmo existindo a dependência generalizada às importações, também houve o desenvolvimento local de alguns setores da construção civil.

→ Serrarias obtiveram maior relevância

↳ madeiras em toras, serradas e aparelhadas em dimensões variadas, esquadrias

→ Serrarias, fabricas de artefatos de mármore, gesso e granito artificial, ladrilhos e mosaicos

→ A maior precisão construtiva, proporcionada pelo uso do tijolo, permitiu a padronização de esquadrias de madeira

TELHADOS → se tornaram mais complexos e mais movimentados com as soluções em várias águas, facilitados pelo uso da telha francesa

Madeira → estrutura do telhado, tesouras, fercas, caibros e ripas, fornecidos pelas serrarias locais

+ Forros, pisos e escadas de madeira

3.3 ATLAS: REFERÊNCIAS E METODOLOGIA

Ao longo do ano, foram realizados estudos acerca da conceituação do termo “Arqueologia do futuro”, elaborado pelo Atelier Tsuyoshi Tane Architects com o intuito de entender como a intervenção arquitetônica pode dialogar com a memória e com a comunidade na qual o qual projeto esta inserido. Essa metodologia constituiu a base da elaboração do Atlas de referências que serviu para compilar projetos e arquitetos usados como referência de estudo. Além dos projetos do ATTA, outros arquitetos e projetos foram usados para direcionar a proposta de intervenção das áreas 01 e 02 do Kaikan de São Carlos. O Atlas que vem a seguir é um resumo das relações e estudos feitos para esse projeto.

ARQUEOLOGIA DO FUTURO

“Acreditamos que a arquitetura começa a partir da memória do lugar, a memória que pode ser continuada desde o passado, que continuará no futuro.

Começamos nosso trabalho como arqueólogos à medida que começamos a explorar uma longa distância no tempo e a escavar memórias do lugar. É um processo de surpresa e descoberta, de busca para encontrar o que não sabíamos, o que havíamos esquecido e o que foi perdido devido à modernização e à globalização. Acreditamos que sempre há memórias no lugar que estão profundamente enraizadas no subsolo e na história. Através deste processo de pensar do passado para o futuro, a memória do lugar lentamente se transforma em arquitetura.

Agora, acreditamos que a memória não é algo que pertence ao passado, mas é uma força motriz para criar uma arquitetura do futuro.

Arquitetura em memória de um lugar – chamamos isso de “Arqueologia do Futuro”.

ATTA - ATELIER TSUYOSHI TANE ARCHITECTS



FIGURA 24- - ATLAS DE REFERÊNCIAS PROJETOIS, ENTREGA INTERMEDIÁRIA. ELABPRADO ELA AUTORA

PETER ZUMTHOR - ATMOSFERA, ESPAÇO, MATERIALIDADE

「RELACÃO ENTRE O INDIVÍDUO E O AMBIENTE」

- Ritmo frenético em que vivemos nos atropeta, deixando-nos com pouco ou nenhum tempo para sentimentos, relações interpessoais → roubando-nos a todo instante, sensações, memórias e percepções
- Vivemos a ditadura do olhar → edifícios exuberantes que não representam necessariamente o local que está inserido → EDIFÍCIOS SEM RELAÇÕES COM O LUGAR (Ex.: Museu do Amanhã, Museu Bilbao)

↳ Arquitetura de estilo global

- ↳ Arquitetura de imagem e serviço do capital
 - ↳ celebra o não essencial, a estetização e a globalização

「PETER ZUMTHOR」→ coloca o usuário como catalisadores do espaço construído, estimulado pelas experiências multisensoriais obtidas a partir das atmosferas criadas

「ATMOSFERA」→ está relacionado à forma como experimentamos os espaços através de nossas memórias e percepções

- ↳ ZUMTHOR sugere uma leitura espontânea, emocional e não intelectual do espaço, visando estabelecer uma relação de identidade com o lugar em que o projeto está implantado, prática que vai além da forma e função do edifício

Nota Zumthor → “quando eu começo, minha primeira ideia para o edifício é com o material. Eu acredito que a arquitetura é sobre isso. Não é sobre papel, não é sobre formas. É sobre espaço e material”.

Para o arquiteto Werner → “A arquitetura de resistência de Peter Zumthor”

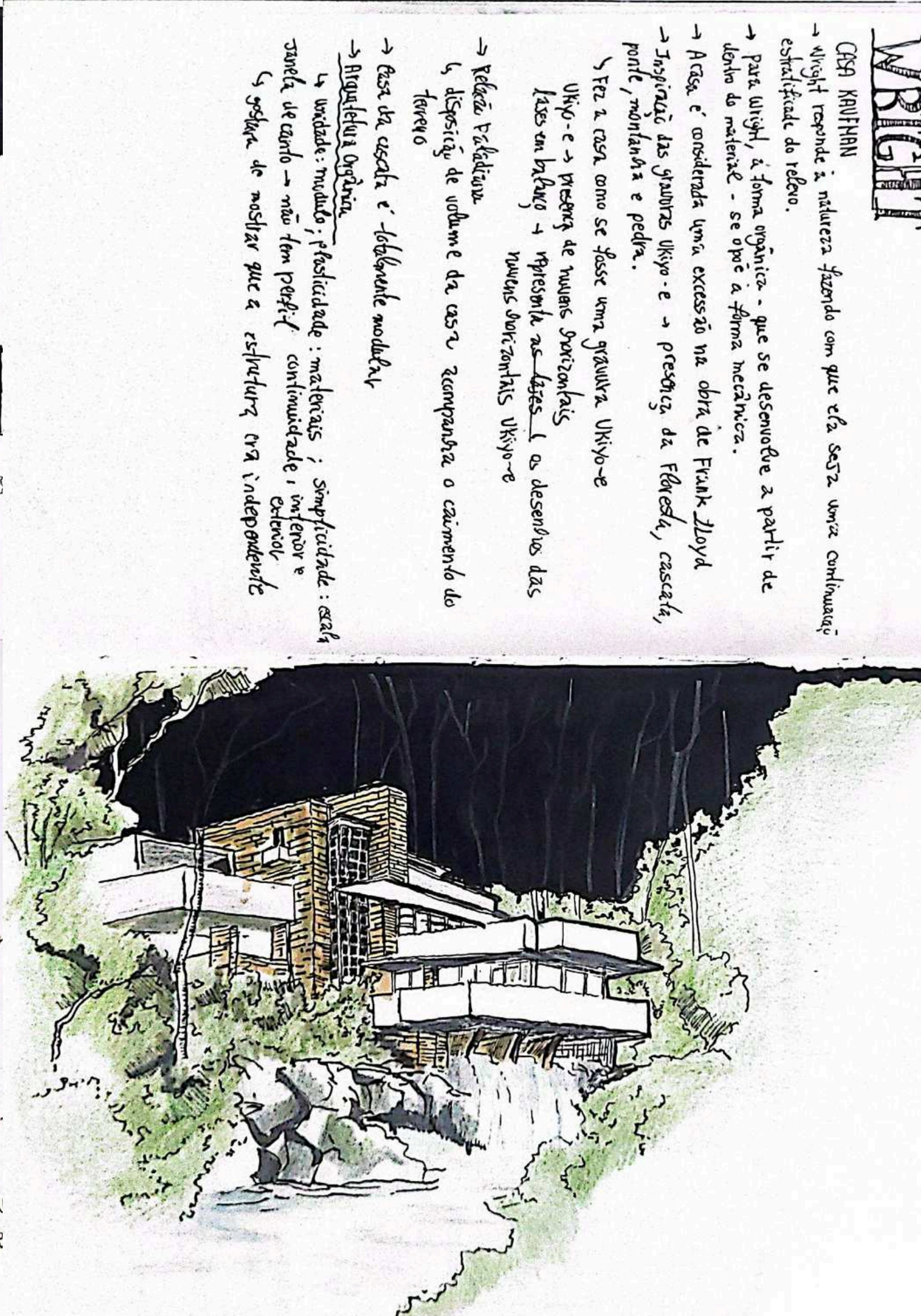
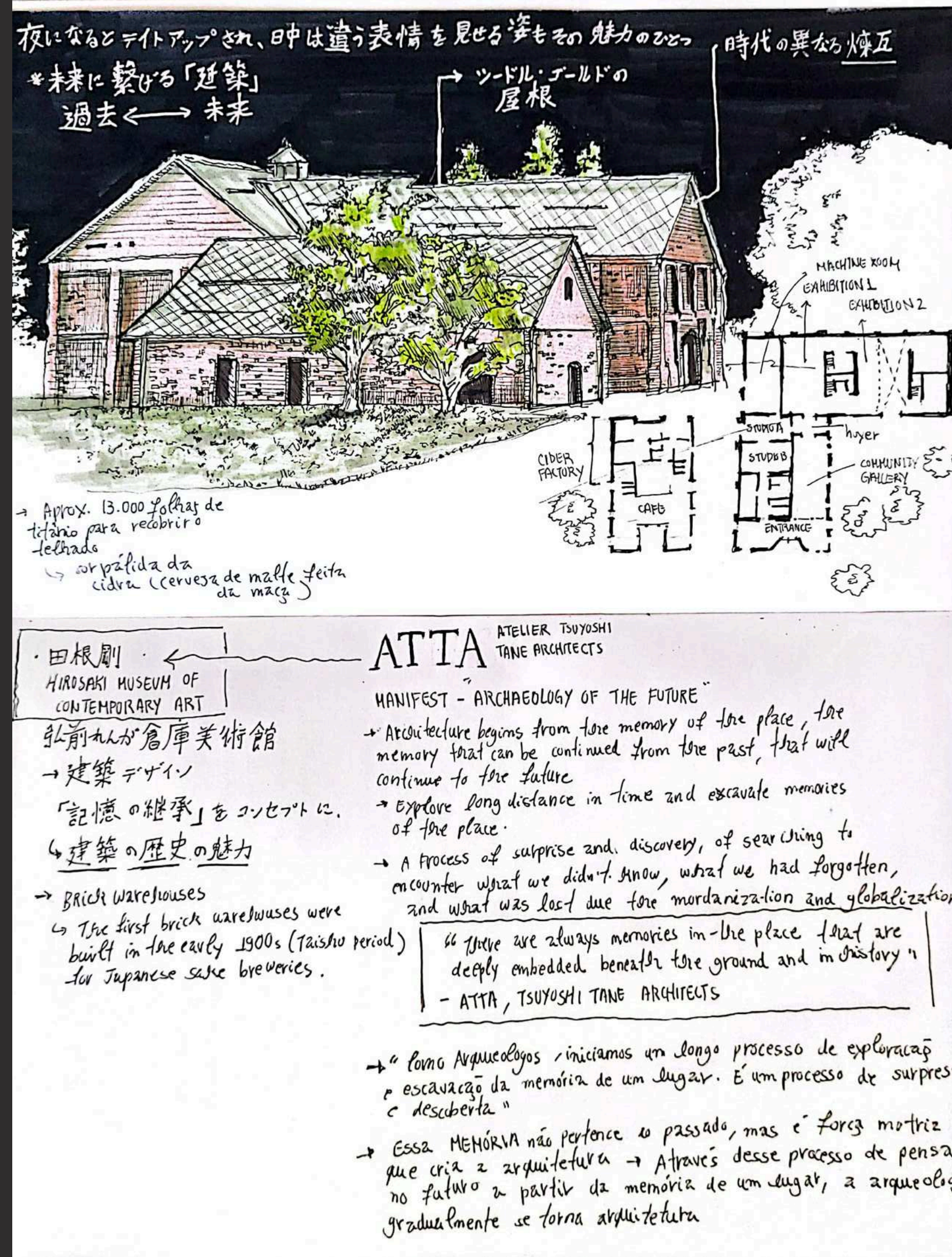
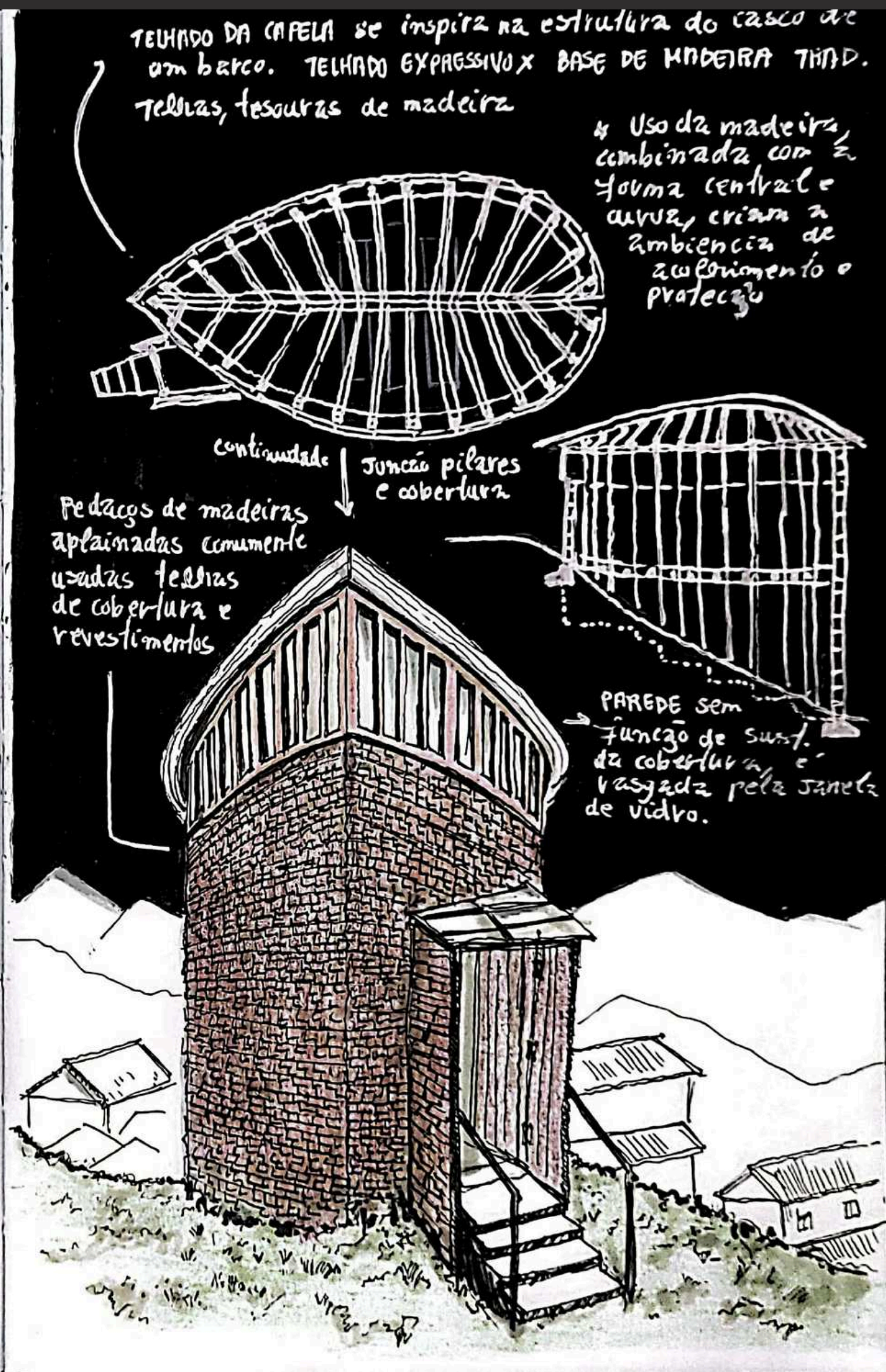


FIGURA 25- CADERNO DE ANOTAÇÕES. ACERVO PESSOAL DA AUTORA

FIGURA 26- CADERNO DE ANOTAÇÕES. ACERVO PESSOAL DA AUTORA

Os arquitetos Tsuyoshi Tane, Frank Lloyd Wright, Kengo Kuma e Peter Zumthor abordam a memória de formas distintas, mas convergentes, ao explorarem o diálogo entre passado, presente e futuro na arquitetura. Apesar das diferenças em seus contextos culturais e metodologias, todos compartilham o interesse em criar espaços que transcendam o tempo, preservando, reinterpretando ou evocando memórias que enriquecem a experiência arquitetônica. Tane propõe que a arquitetura deve partir de uma "escavação" do passado de um lugar, entendendo profundamente suas camadas históricas, culturais e naturais. Para ele, a memória não é um elemento estático, mas um ponto de partida para imaginar o futuro. Sua abordagem transforma vestígios e narrativas históricas em bases tangíveis para novos projetos, como no Museu Nacional da Estônia, onde o projeto se baseia na memória da pista de aviação soviética, mantendo-a como elemento essencial do design. Wright introduziu o conceito de arquitetura orgânica, que busca integrar a construção ao seu ambiente natural e cultural, respeitando o espírito do lugar (*genius loci*). Em obras como a Casa da Cascata (*Fallingwater*), ele incorpora elementos do entorno, como a cascata, de forma que a memória do local se funde com o design. Sua abordagem destaca como a arquitetura pode preservar e exaltar as qualidades intrínsecas de um lugar, conectando passado, presente e futuro por meio da harmonia com a natureza. Kengo Kuma valoriza a memória coletiva e a tradição ao reinterpretar materiais e técnicas locais em suas obras. Ele busca criar uma arquitetura que se dissolve no ambiente, destacando a memória cultural e natural do local. Em projetos como o Asakusa Culture and Tourism Center, Kuma utiliza madeira e formas que evocam tradições arquitetônicas japonesas, mas com uma leitura contemporânea, conectando o passado ao presente e criando uma continuidade sensorial e simbólica. Zumthor explora a memória de maneira íntima e sensorial, usando materiais e espaços que evocam experiências profundas. Em obras como as Termas de Vals, ele utiliza pedra local e cria uma relação imersiva com o ambiente natural, estimulando memórias coletivas e individuais através do tato, som e luz. Para Zumthor, a arquitetura deve ressoar emocionalmente, despertando memórias latentes e criando novas conexões com o passado.

Os quatro arquitetos compartilham uma visão da memória como elemento ativo, que não apenas preserva, mas transforma. Tane conecta a memória histórica ao futuro; Wright traduz a memória do ambiente em harmonia com a natureza; Kuma reconstrói a memória cultural em diálogo com o presente; e Zumthor desperta memórias sensoriais por meio da materialidade. Todos eles reconhecem a importância de projetar espaços que reverberem com o tempo e transcendam sua função utilitária, oferecendo experiências que conectam passado, presente e futuro de maneira profunda e significativa.

Essa convergência demonstra como a memória, em suas múltiplas formas, pode ser a essência de uma arquitetura que resiste ao efêmero e enriquece a humanidade.

3.4

LEITURA
DAS ÁREAS

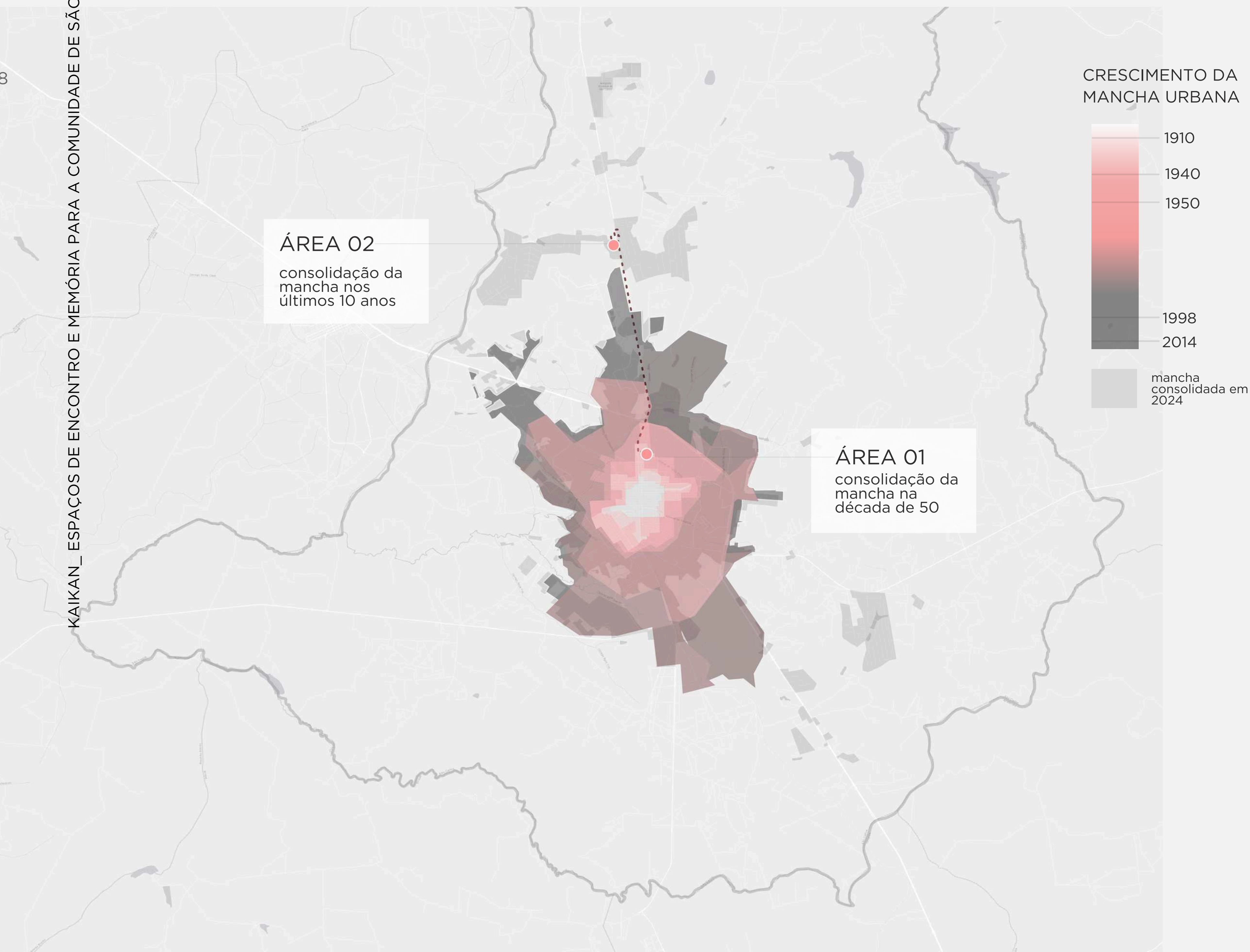
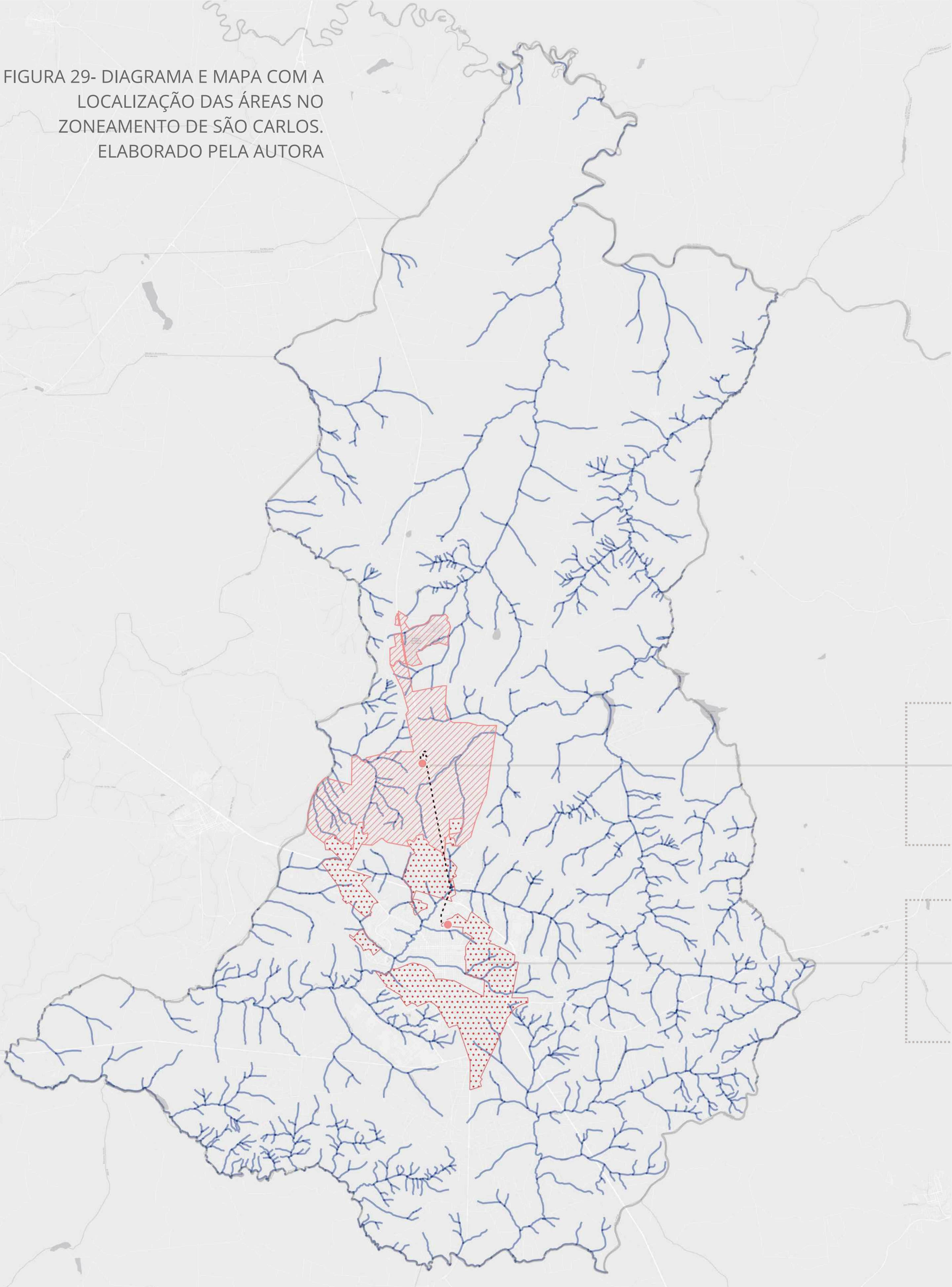


FIGURA 27 - DIAGRAMA E MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ACORDO COM AS FASES DE CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DE SÃO CARLOS. ELABORADO PELA AUTORA



FIGURA 28 - DIAGRAMA E MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE INTERVENÇÃO. FONTE: ELABORADO PELA AUTORA



ÁREA 02

ZONA 4A

ÁREA 01

ZONA 2

● Zona 2 - Ocupação Condicionada

COEFICIENTES

CA	CO	CP
CAB = 1,4 CAM = 3 (nos eixos definidos nesta lei) CA = 1,4 (uso estritamente residencial unifamiliar)	70%	15%

- INSTRUMENTOS
- Áreas de Especiais Interesses Histórico, Ambiental, Social e Industrial
 - Operação Urbana Consorciada
 - Transferência do Direito de Construir
 - Direito de Preempção
 - Outorga Onerosa do Direito de Construir (eixos específicos):
Av. Dr. Tancredo de Almeida Neves, Av. Henrique Gregori,
Av. Grêda e Av. Theodureto de Camargo

● Zona 4 - Regulação e Ocupação Controlada

COEFICIENTES

Tipo de Parcelamento	CA	CO	CP
Chácaras de Recreio Obs: Somente admitidas na Zona 4A, com lotes mínimos de 1.500m² (não desmembráveis)	0,3	30%	40%
Demais Tipos de Parcelamento	1,0	70%	20%
Habitação de Interesse Social	1,4	70%	20%

- INSTRUMENTOS
- Outorga Onerosa da Alteração de Uso do Solo
 - Áreas de Especial Interesse de Transporte Aéreo, Áreas de Especial Interesse Ambiental e Área de Especial Interesse Turístico, Esportivo e Ecológico

A SEDE DA CIDADE - ÁREA 01

Localizada no bairro do Tijuco Preto, em São Carlos, a sede social ou sede da cidade é a edificação mais antiga da ACENB (Kaikan) , adquirido na década de 50. Nesse período, o bairro estava localizado em uma zona mais periférica e afastada da cidade, próximo à zonas de chácaras agrícolas da Cidade Jardim que abrigaram as primeiras reuniões do Kaikan da cidade. O bairro está localizado na Zona de ocupação condicionada do plano diretor, região que possui uma consolidação mais recente na história de desenvolvimento urbano de São Carlos. A arquitetura da região é marcada por casas de alvenaria estrutural, telhados cerâmicos estruturados por terças, caibros e ripas de madeira, algo que remete as construções antigas do período colonial do centro da cidade, mas feita de uma maneira mais singela. O bairro abriga majoritariamente edificações residenciais, com alguns pequenos comércios de bairro no entorno. Apesar da edificação do Kaikan ter pontos de semelhança em relação às construções de seu entorno, é possível notar que existem aspectos da sua construção que o tonam uma exceção dentro do bairro. A sede social possui um pé- direito e dimensões maiores do que a maioria das casa, tendo também uma fachada mais rebuscada e imponente comparada aos portões simples e baixos do entorno. Além disso, a quadra em que está localizada a construção possui um desenho diferente das demais quadras da cidade: possui uma forma mais alongada que abraça uma pequena praça que se encontra no centro da quadra.

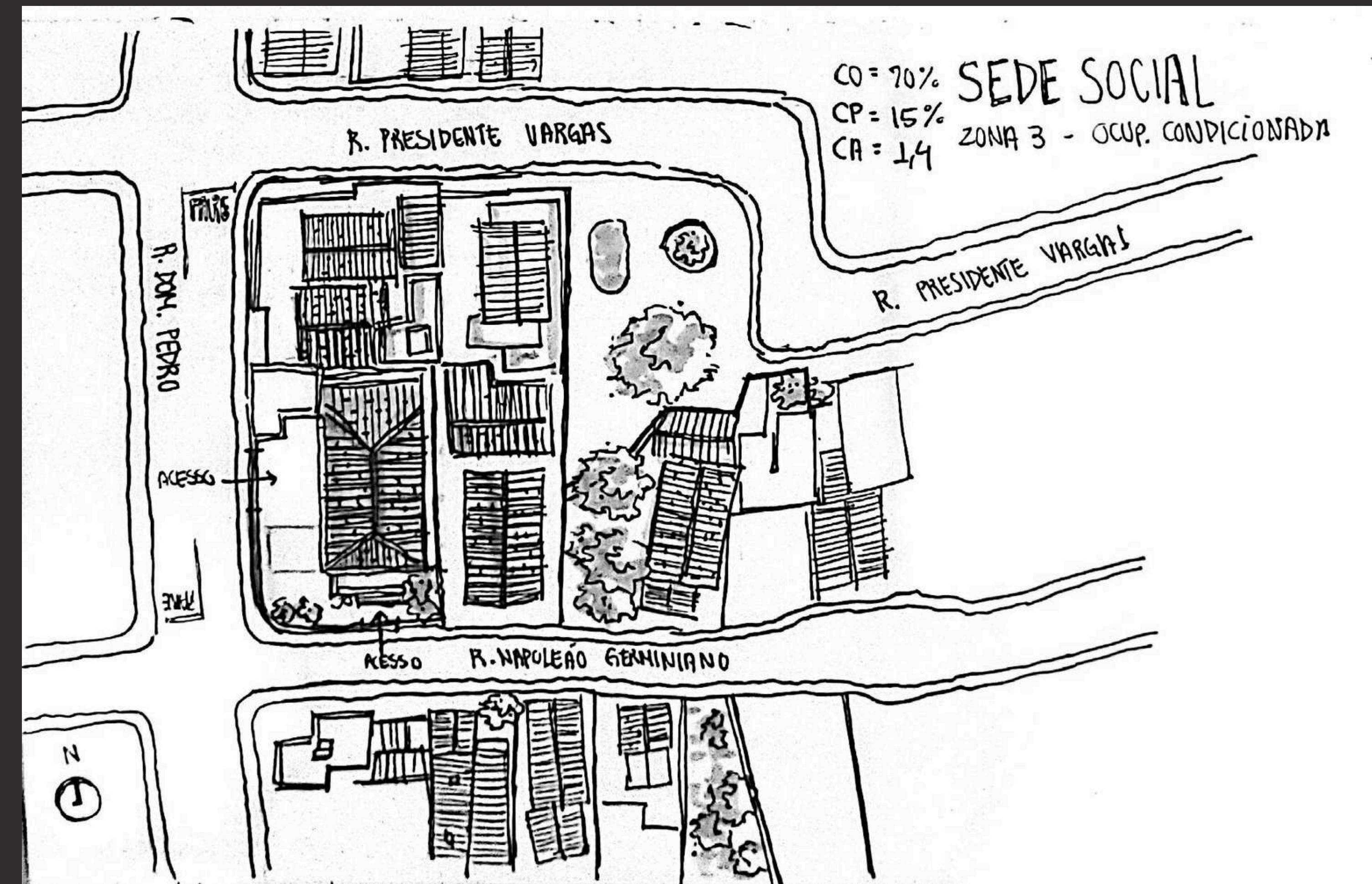


FIGURA 30 -CROQUI DE ESTUDO URBANO DA ÁREA 01, SEDE SOCIAL. FONTE: CADERNO DE ANOTAÇÕES DA AUTORA



ÁREA 01

ESTUDO DO ENTORNO

- ÁREAS VERDES
- CHEIOS
- USOS NÃO RESIDENCIAIS
- CURSO D'ÁGUA
- LOCALIZAÇÃO DA ÁREA 1

FIGURA 31 - ESTUDO DA ÁREA 1 DO PROJETO.
ELABORADO PELA AUTORA



FIGURA 32 - REGISTRO DA PRAÇA PRÓXIMA AO LOCAL DE INTERVENÇÃO DA ÁREA 01. FONTE: IMAGENS TIRADAS PELA AUTORA.



FIGURA 33 -REGISTROS FOTOGRÁFIOS DA EDIFICAÇÃO EXISTENTE NA ÁREA 01. FONTE: ACERVO ACEB



FIGURA 34 - ESTUDO DA ÁREA 1 DO PROJETO. ELABORADO PELA AUTORA

A SEDE DE CAMPO - ÁREA 02

Além da sede da cidade, a ACENB São Carlos também possui um terreno mais afastado que abriga parte das atividades realizadas pelo Kaikan atualmente. O terreno foi concedido para uso da associação em 1982, com intuito de ampliar as instalações do kaikan e construir uma sede de campo. Nesse local, primeiro foi construído uma grande cobertura metálica que recebeu diversas festividades e eventos da comunidade. Após alguns anos, em 2011, a grande cobertura metálica treliçada recebeu paredes de vedação de alvenaria não estrutural, transformando o “barracão” em um galpão. Além do galpão, o terreno também possui a casa do caseiro - construção feita com alvenaria estrutural com telhado de telhas cerâmicas e estrutura de madeira - e um pequeno campinho de Gateball, esporte bastante popular entre membros da comunidade japonesa no Brasil. Por muitos anos a sede de campo também possuiu um campo de futebol, destinado a pratica e treino do time de futebol do Tijuco Preto. Atualmente o campo de futebol não está mais em uso, e a falta de manutenção do gramado fez com que ele sumisse completamente da paisagem da área 2. O entorno da sede de campo é uma área rural que abriga chácaras e também galpões de serralheria e comercialização de peças de madeira. O acesso à estrada de terra que chega a sede de campo ocorre pela rodovia Eng. Thales de Lorena Peixoto Junior.

A área total do terreno é de cerca de 11.000 m², sendo que atualmente possui “” de área construída.

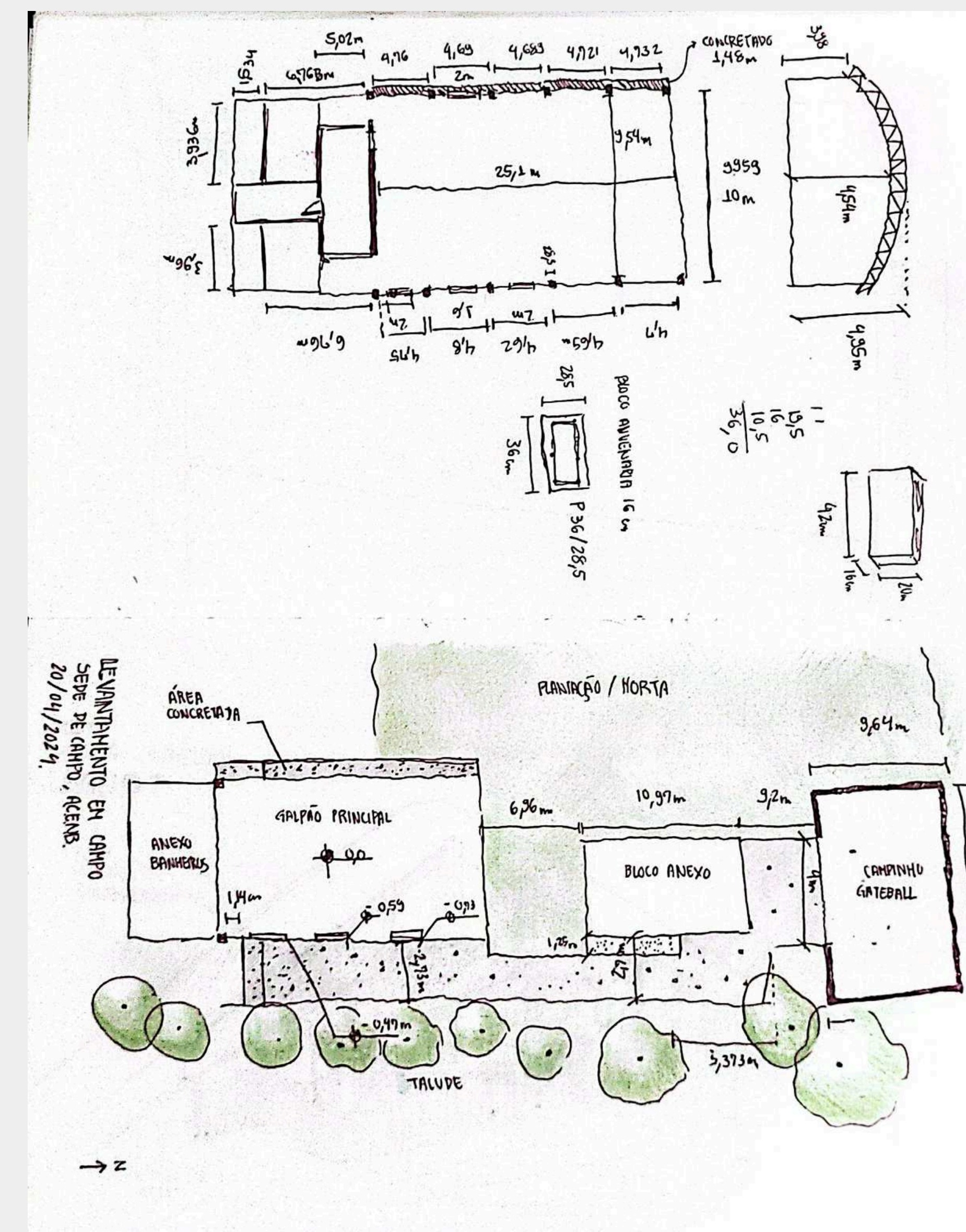


FIGURA 35 - ESTUDO DA ÁREA 02 DO PROJETO.
ELABORADO PELA AUTORA



FIGURA 36 - REGISTROS DA COBERTURA METÁLICA QUE ABRIGAVA AS ATIVIDADES DA ACENB ATÉ ANTES DE 2022. FONTE: ACERVO ACENB



FIGURA 37 - REGISTRO DA CONSTRUÇÃO DAS PAREDES DE VEDAÇÃO EM 2011. FONTE: ACERVO ACENB



ÁREA 02

ESTUDO DO ENTORNO

- ÁREAS VERDES
- CHEIOS
- USOS NÃO RESIDENCIAIS
- CURSO D'ÁGUA

FIGURA 38 - ESTUDO DO ENTORNO DA ÁREA 2 DO PROJETO. ELABORADO PELA AUTORA.



FIGURA 39 - FOTOGRAFIA DA ÁREA 02 VISTO DA RODOVIA

A.1

SEDE DA CIDADE
PROPOSTA PROJETUAL

INTERVENÇÃO
ARQUITETÔNICA

cristalização de elementos
arquitetônicos que reforçam a memória
do local

PISO LADRILHO
HIDRAULICO



Marcação horizontal do salão
de encontro principal

FACHADA



ligação visual com a história
da cidade e do bairro



memória

PAREDES DE
ALVENARIA
REMANESCENTES



rastro do objeto arquitetônico
antigo, suporte para nova
estrutura

Para a área 1, foi pensado um projeto que pudesse potencializar o uso do terreno de 600 m² onde hoje ocorrem parte das atividades do Kaikan. Desses 600m² disponíveis , 320m² a metragem da área construída atualmente.

Por se tratar de uma edificação institucional que recebe varios eventos e atividades ao longo do ano , é imprescindível que existam locais adequados para o desenvolvimento de diferentes atividades e que existam espaços capazes de acolher e produzir novas sociabilidades.

O projeto de intervenção parte de uma relativa verticalização da edificação atual , com maior aproveitamento dos espaços livres e sua relação com a parte interior da construção. A nova estrutura é composta por um sistema de pilares e vigas de MLC (Madeira Lamelada Colada), material leve e contemporâneo que pousa sobre o chão pré-existente e se apoia em paredes de alvenaria estrutural remanescentes da antiga edificação. O jogo de volume da nova edificação é marcada por dois blocos verticais que se erguem até a altura da antiga cumieira, enquanto que o volume central, um pouco mais baixo, marca também o salão principal de encontro delimitado pelo ladrilho hidraulico pré-existente. No contexto do lote, a nova edificação ganha uma nova relação de recuos laterais e frontais, o que permite o maior aproveitamento dos espaços externos. A fachada leste, antes estrangulada pelo recuo mínimo de 2 metros, agora ganha uma um pátio lateral, que permite um maior aproveitamento da ventilação e do sol da manhã.

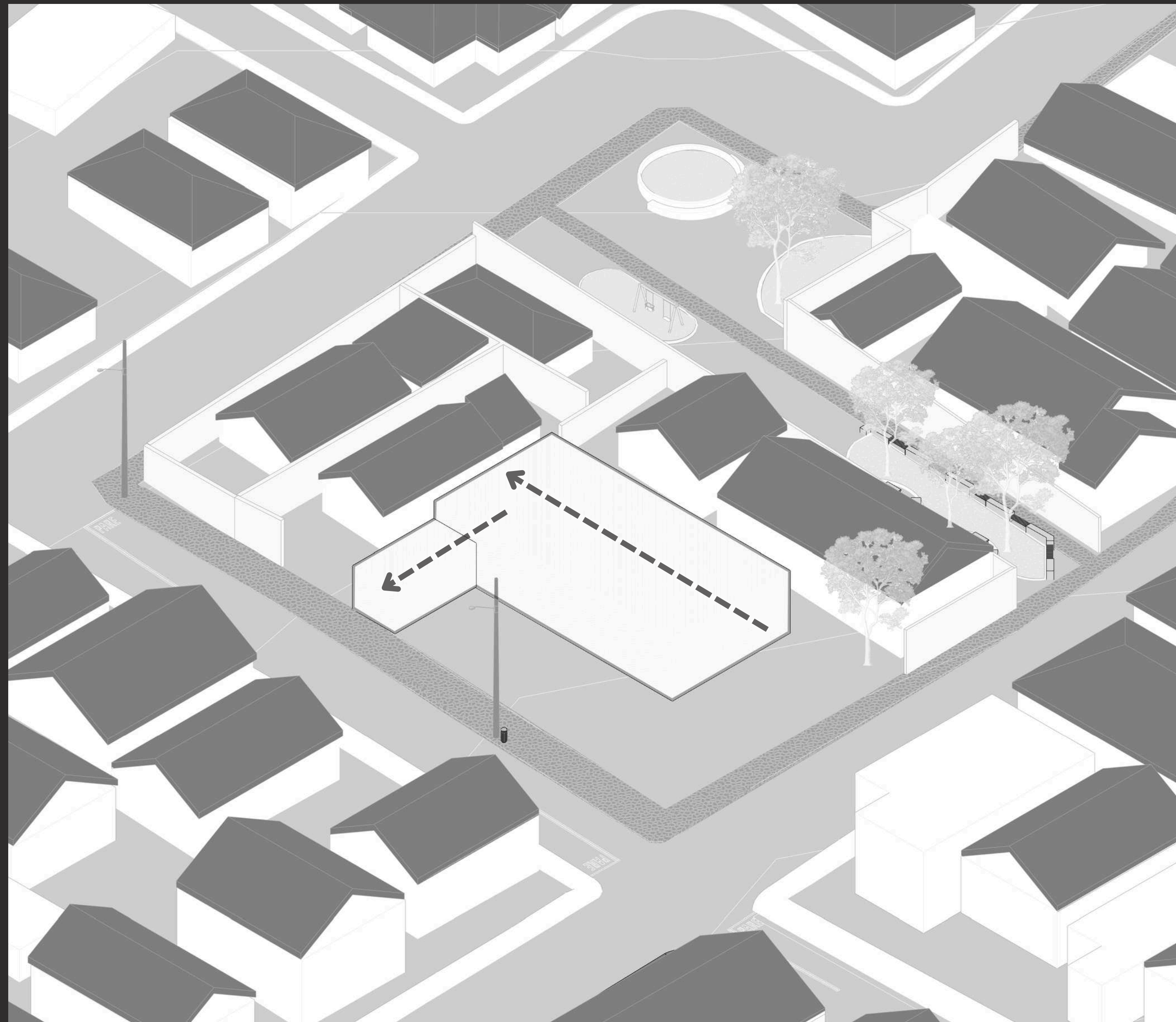
FIGURA 40 -

VOLUMETRIA ATUAL

FIGURA 41-

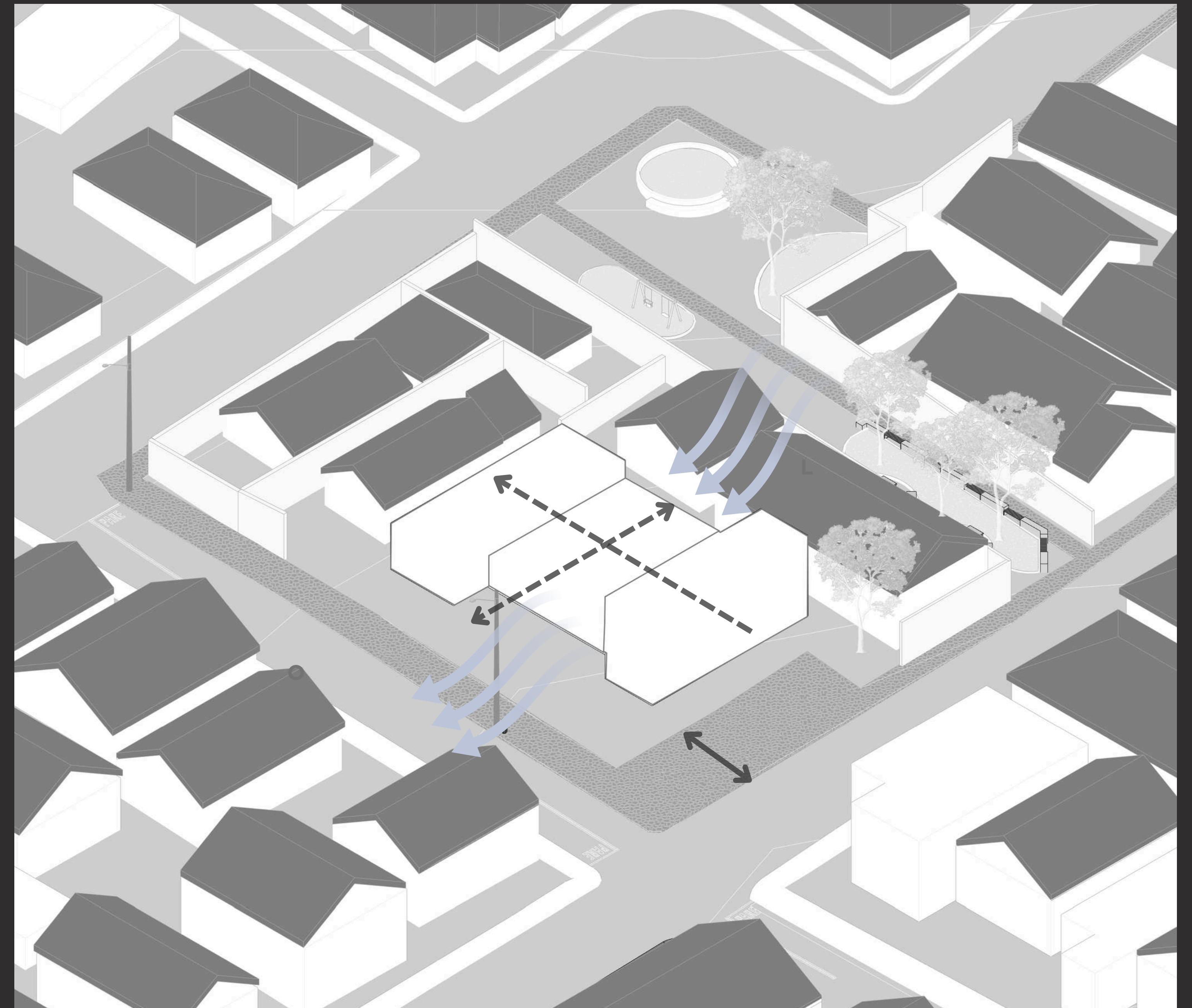
VOLUMETRIA PROPOSTA ÁREA 1

FIGURA 42 -

VOLUMETRIA ATUAL

A configuração espacial é marcada por um eixo de circulação Norte-Sul bem evidente visto que, apesar de existir um pátio externo na construção, ele dificilmente é aproveitado por conta das condições de insolação e dessa forma as atividades da associação dificilmente são realizadas em espaços externos.

FIGURA 43 -

VOLUMETRIA PROPOSTA ÁREA 1

Na proposta projetual, foi considerado um aproveitamento melhor da fachada Leste da edificação e valorização da permeabilidade do projeto no sentido Leste-Oeste. Além disso, foi dado um maior espaçamento de recuos laterais, melhorando a ventilação da construção e permitindo um melhor aproveitamento dos espaços livres do terreno.

A FACHADA, O PÁTIO E A CIDADE

A fachada principal pré-existente da rua Napoleão Germiniano é marcada por um “frontão” com uma escadaria que remete a uma arquitetura consolidada em São Carlos durante as primeiras décadas do século XX. Apesar de não possuir nenhum processo de tombamento arquitetônico envolvendo a fachada da sede, para o projeto foi escolhido preservar e potencializar a sua presença no projeto como forma simbólica de ligação da edificação com a cidade.

O muro que delimita o lote do kaikan na fachada sul então, sofre um deslocamento, que permite o avanço da fachada sobre a cidade. A parte recuada do terreno da ACENB é cedido ao bairro e o Kaikan e a cidade ganha um pátio. A antiga fachada torna-se então um portal que liga e marca a passagem da cidade para dentro da edificação. O pátio é um espaço intermediário entre o kaikan e a cidade.



FIGURA 44 - ÁREA 01 - VISTA DE ESQUINA DA FACHADA HISTÓRICA DA EDIFICAÇÃO

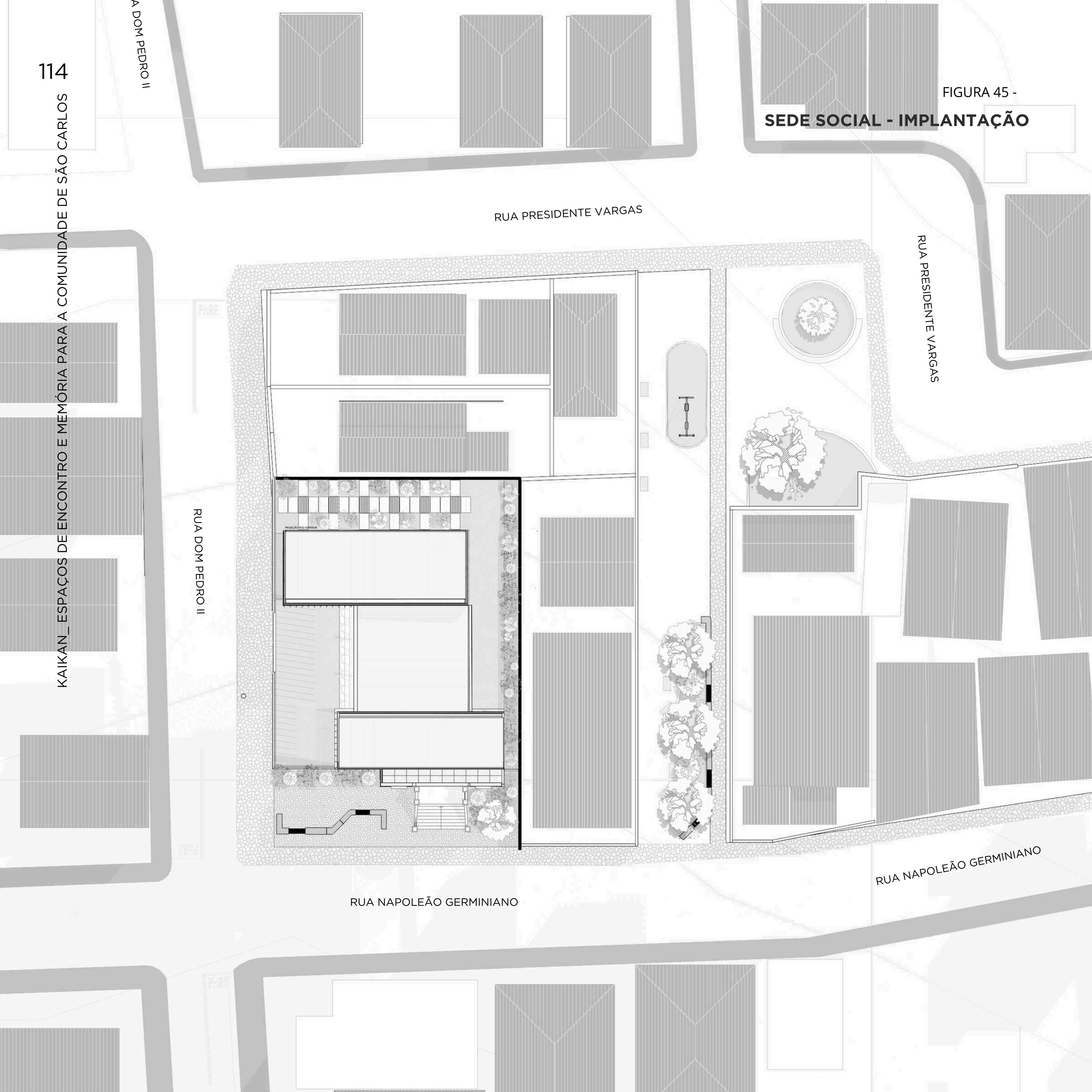


FIGURA 45 -
SEDE SOCIAL - IMPLANTAÇÃO



FIGURA 46 -
SEDE SOCIAL - ELEVAÇÃO RUA NAPOLEÃO GERMINIANO

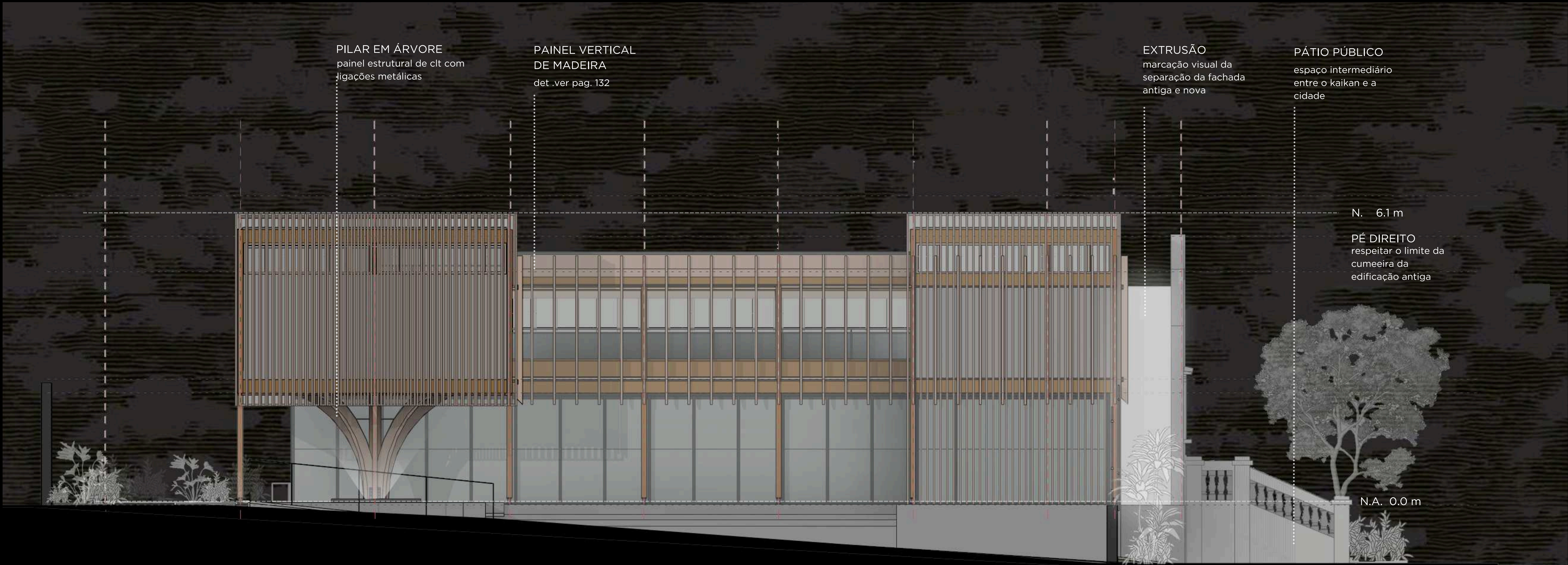


FIGURA 47 -

SEDE SOCIAL - ELEVÇÃO OESTE

O LADRILHO HIDRÁULICO, A MEMÓRIA E O ENCONTRO

O ladrilho hidráulico original, com suas marcas do tempo e sua presença silenciosa, é como uma memória fossilizada do lugar. Ele carrega em si os passos, as vozes e os encontros que já preencheram o espaço do Kaikan. Ao mantê-lo no projeto, ele não apenas resiste à efemeridade, mas se torna uma âncora no chão, delimitando a horizontalidade do encontro e da convivência.

Assim como na ideia de Archaeology of the Future de Tsuyoshi Tane, o ladrilho é um artefato que conecta o passado ao presente, carregando histórias que ecoam no futuro. Ele é mais do que uma superfície: é um vestígio tangível da continuidade, onde o espaço físico e simbólico se cruzam. O chão que acolhe e sustenta os encontros agora é também um testemunho da transformação, um lugar onde o antigo e o novo se encontram em harmonia, respeitando a história enquanto se abre para novas narrativas.



CONSERVAÇÃO DO LADRILHO HIDRÁULICO 25X25cm ORIGINAL



FIGURA 48 - VISTA INTERNA DO SALÃO DE ENCONTROS PRINCIPAL

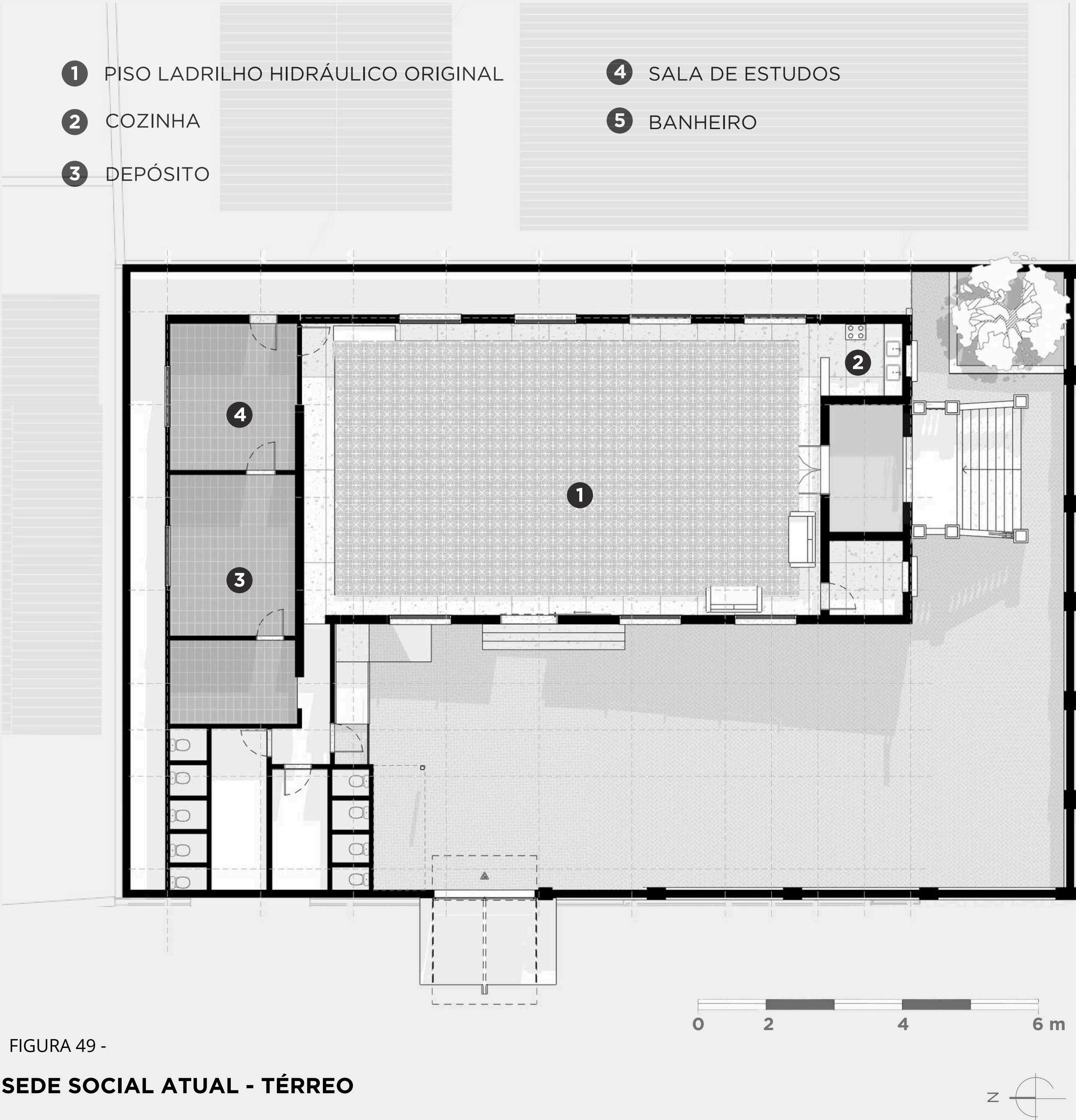


FIGURA 49 -
SEDE SOCIAL ATUAL - TÉRREO

DEMOLIÇÃO
→

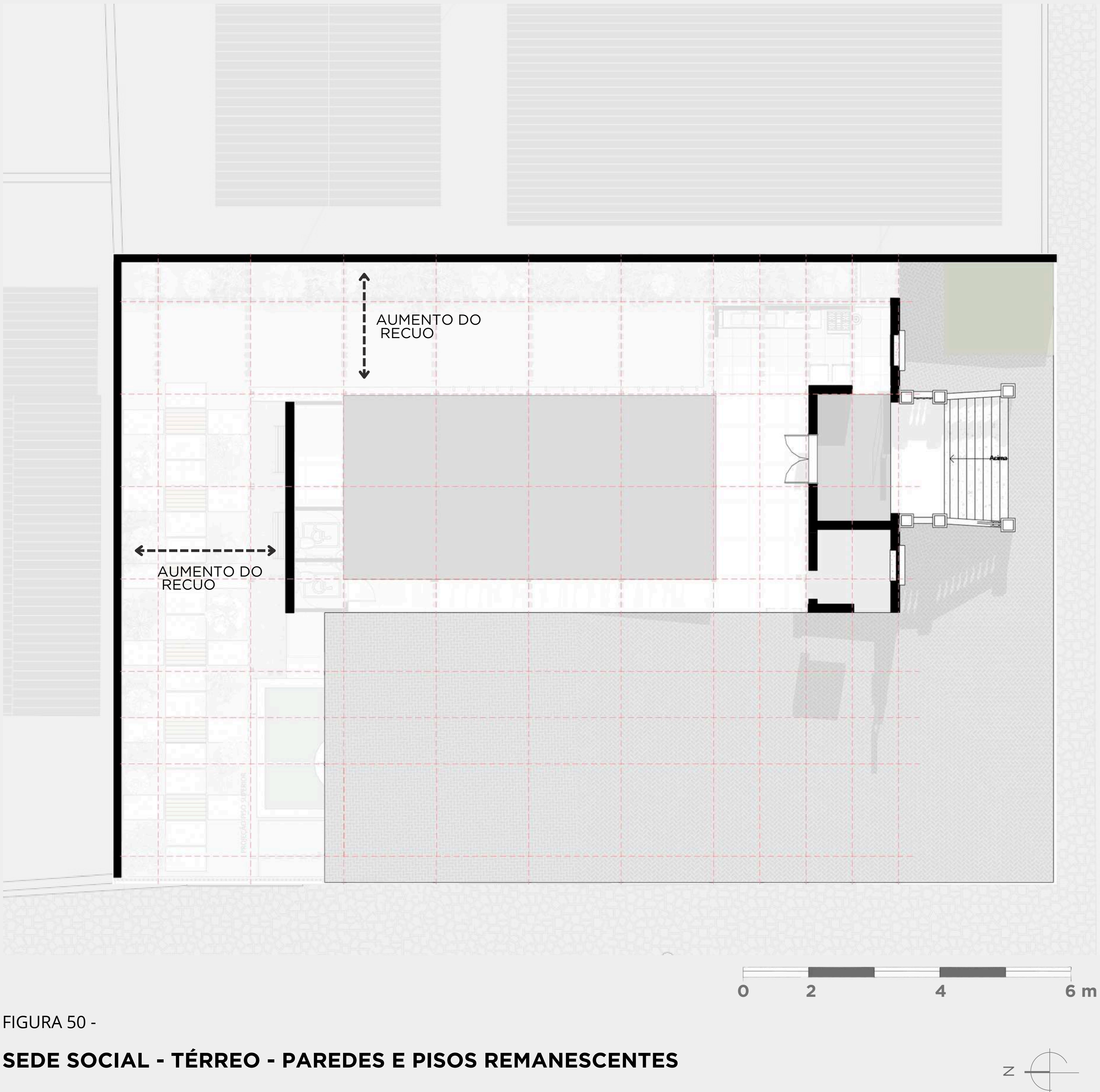


FIGURA 50 -
SEDE SOCIAL - TÉRREO - PAREDES E PISOS REMANESCENTES

- 1

PISO LADRILHO HIDRÁULICO ORIGINAL
- 2

COZINHA
- 3

DEPÓSITO
- 4

ESCRITÓRIO
- 5

SALÃO DE ENTRADA
- 6

SALÃO DE ENTRADA
- 7

PÁTIO DE ENTRADA
- 8

PÁTIO LATERAL
- 9

VARANDA

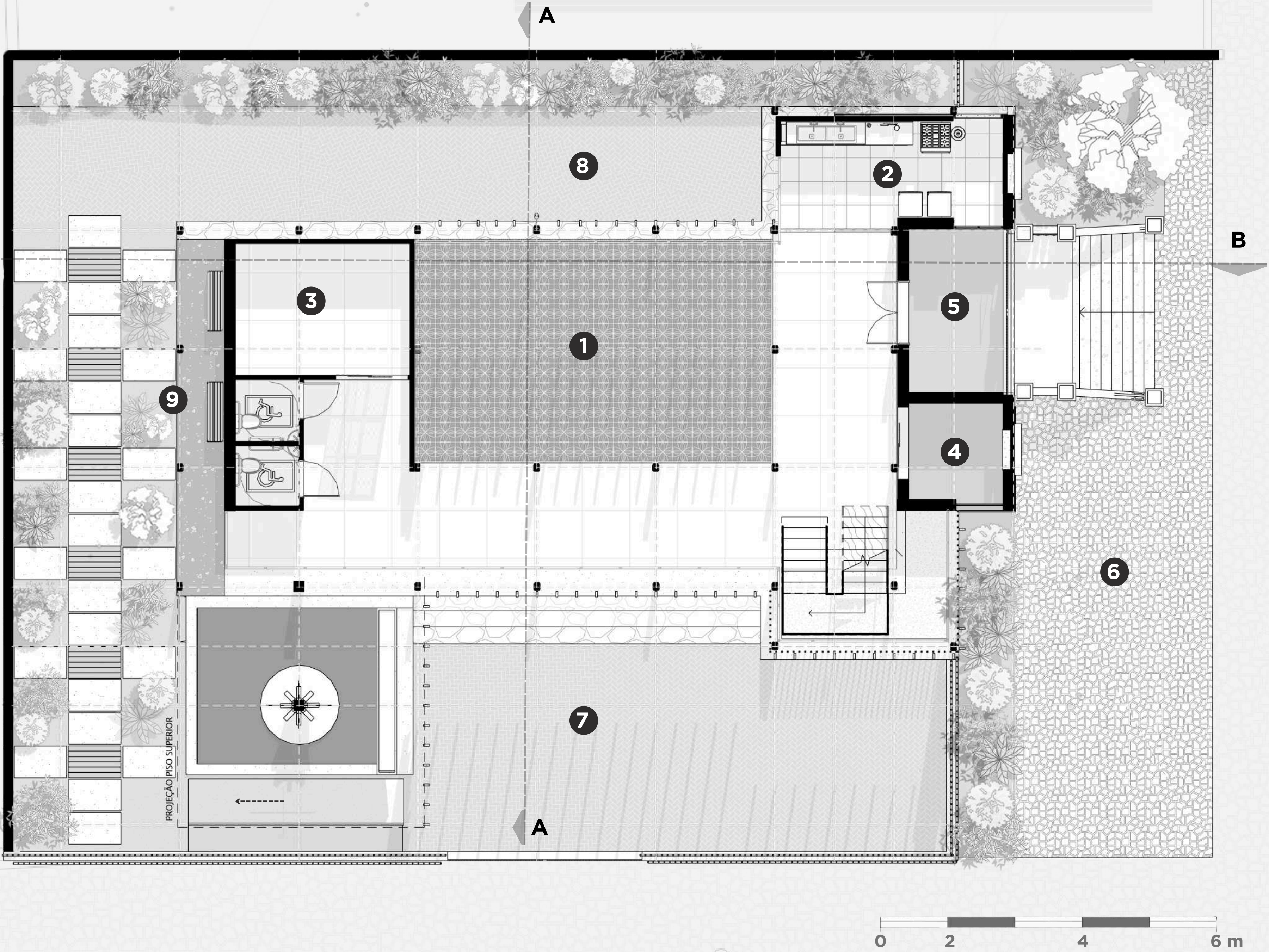


FIGURA 51 -
SEDE SOCIAL - TÉRREO

- 10

ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA
- 11

BIBLIOTECA ACENB
- 12

SALA DE REUNIÕES
- 13

BANHEIRO FEMININO
- 14

BANHEIRO MASCULINO

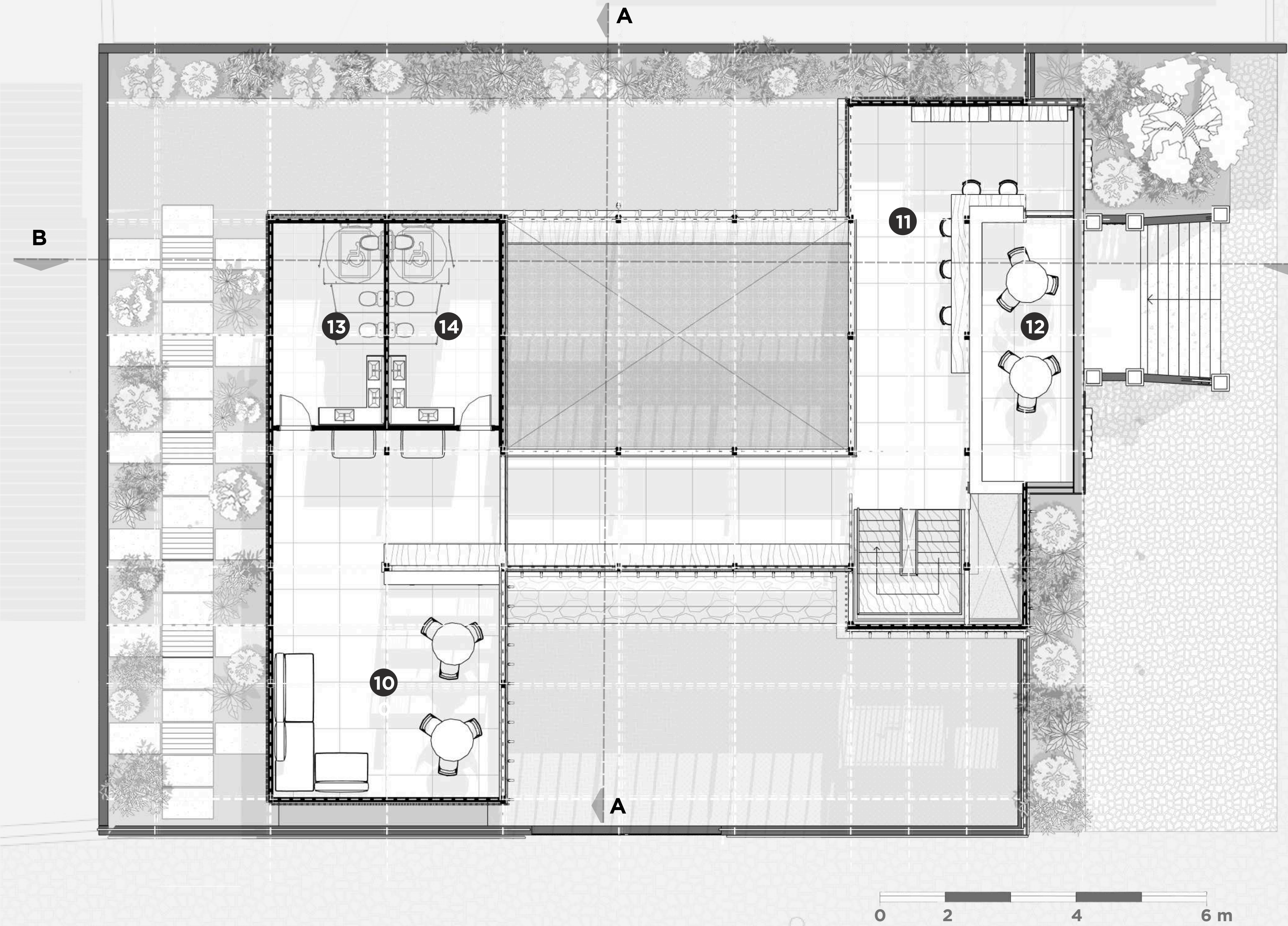


FIGURA 52 -
SEDE SOCIAL - PAVIMENTO 1



FIGURA 53 - VISTA DO PÁTIO DA FACHADA OESTE DA EDIFICAÇÃO

FIGURA 54 -
SEDE SOCIAL - CORTE A

0 1 3 5 m



FIGURA 55 -
SEDE SOCIAL - CORTE B - PERSPECTIVADO





FIGURA 56 - VISTA ESTERNA DA VARANDA DA SEDE SOCIAL



FIGURA 57 - VISTA EXTERNA DO PILAR EM ÁRVORE DA EDIFICAÇÃO DA SEDE SOCIAL -



FIGURA 58 - ISOMÉTRICA APROXIMADA DOS PAINÉIS RIPADOS DE MADEIRA DA ÁREA 01





FIGURA 61 - VISTA INTERNA DA COZINHA COM O PÁTIO LATERAL DA EDIFICAÇÃO

A.2

SEDE DE CAMPO
PROPOSTA PROJETUAL

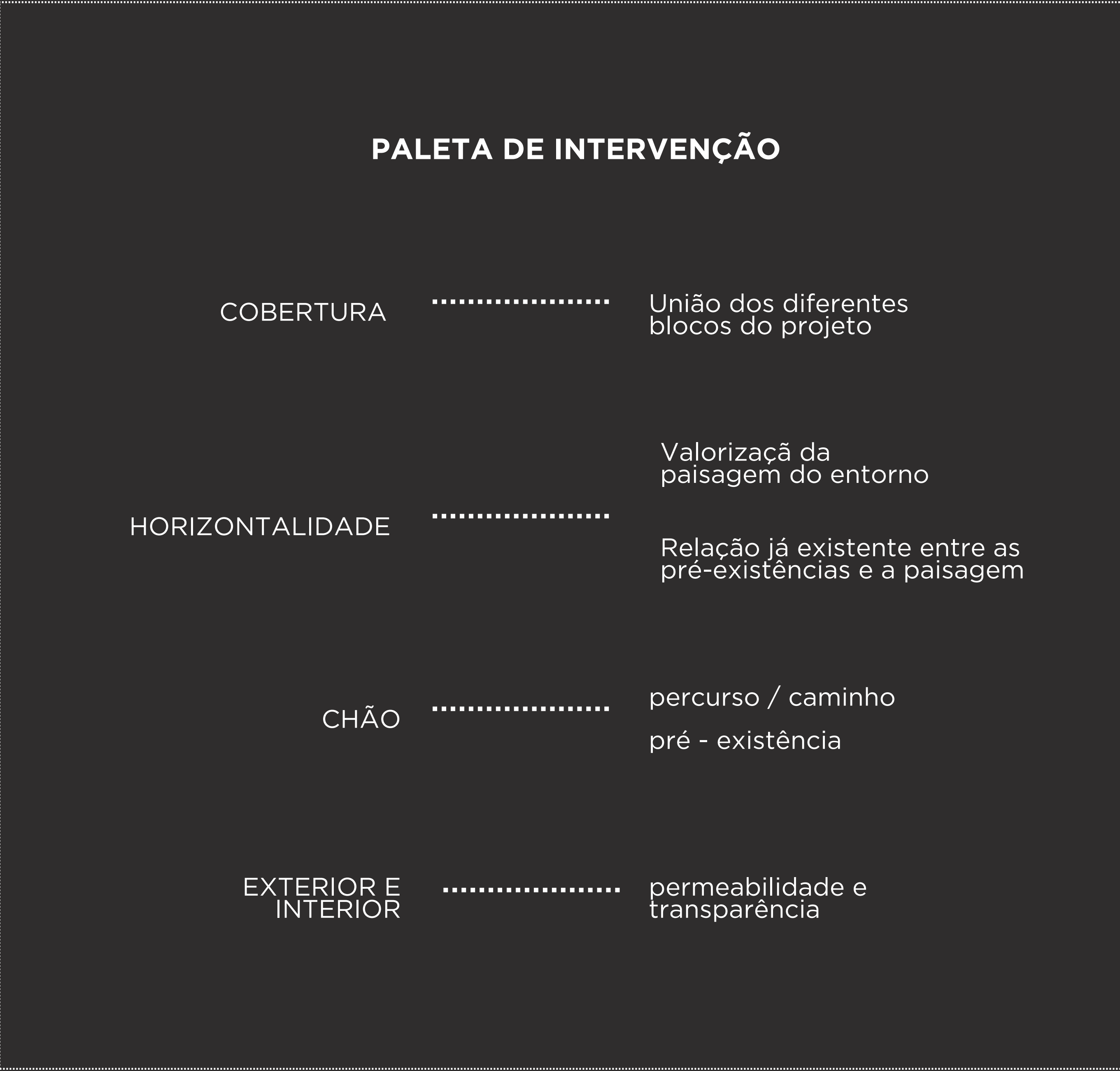
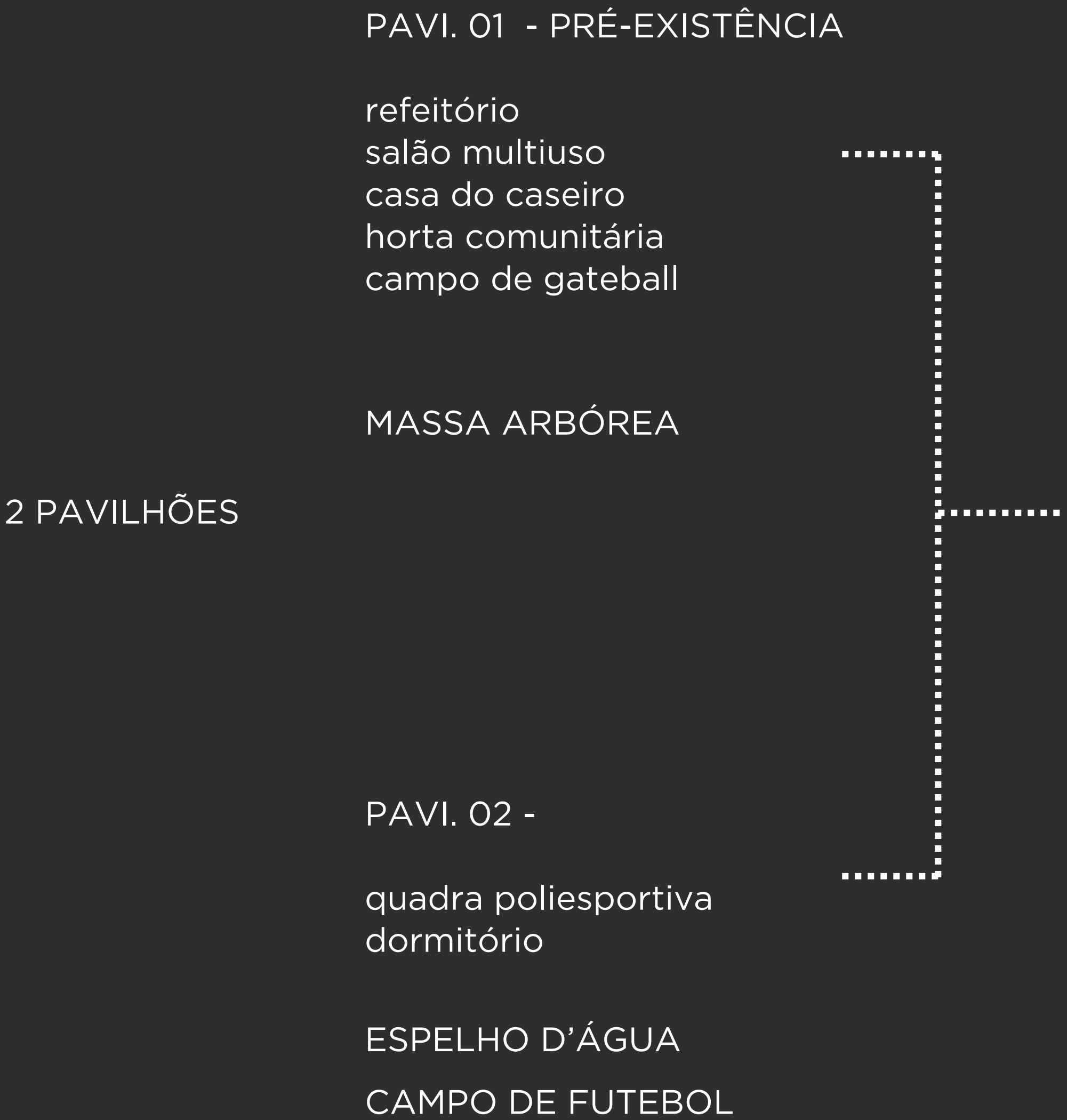




FIGURA 62 - VISTA NOTURNA DO PAVILHÃO 02

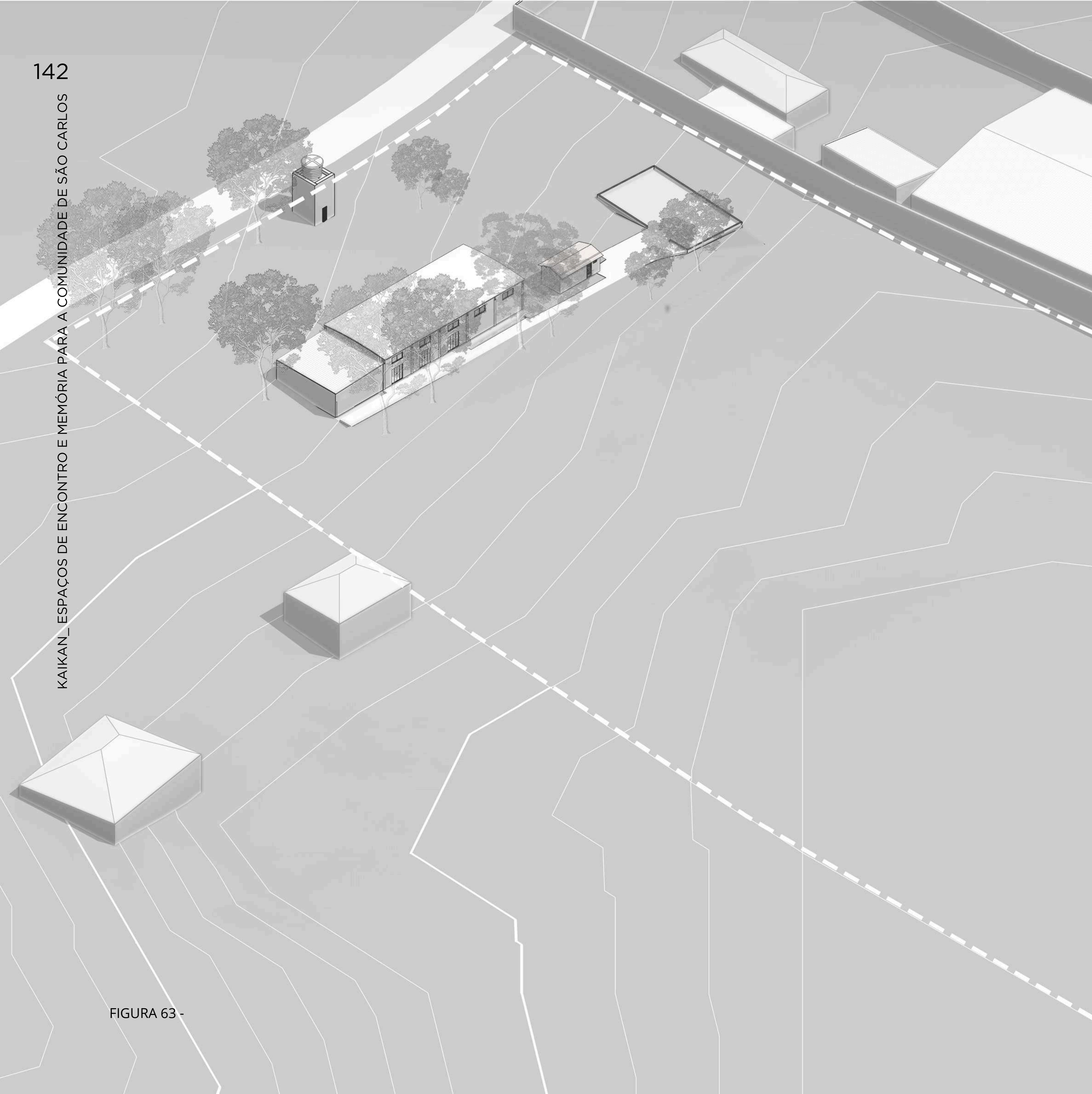


FIGURA 63 -

O projeto formulado para a área 2 aborda a reconfiguração e ampliação de um espaço existente, integrando passado e presente em uma solução arquitetônica que abraça o conceito de horizontalidade. Partindo de um antigo galpão e de uma pequena construção de alvenaria inacabada, a proposta reinterpreta as preexistências para criar um novo conjunto arquitetônico.

O galpão dará lugar a um novo salão, enquanto a construção de alvenaria será reaproveitada como um memorial, simbolizando a memória do local. A conexão entre o novo salão e o memorial ocorrem por meio uma cobertura de pergolado, que enfatiza a união dos dois programas, que formam o Pavilhão 1 do projeto.

Um segundo pavilhão foi implantado algumas cotas abaixo do Pavilhão preexistente. Este novo pavilhão abriga uma quadra poliesportiva, salas e dormitórios, expandindo as funcionalidades do espaço e reforçando o conceito de união entre os blocos em um diálogo harmonioso entre arquitetura e paisagem. No nível mais baixo do terreno, o antigo campo de futebol que existiu durante várias décadas no terreno reaparece, e torna-se chegada do percurso da passarela.

Dessa forma, existem três momentos no projeto: o pavilhão 01, que abriga o passado; o pavilhão 2, que abraça a nova construção e o campo de futebol que reapareceu no terreno. Os três momentos são ligados por um percurso que atravessa todo o projeto e que também passa pelas jardins que formam os espaços intermediários entre os pavilhões.

FIGURA 64

VOLUMETRIA

SEDE SOCIAL ATUAL

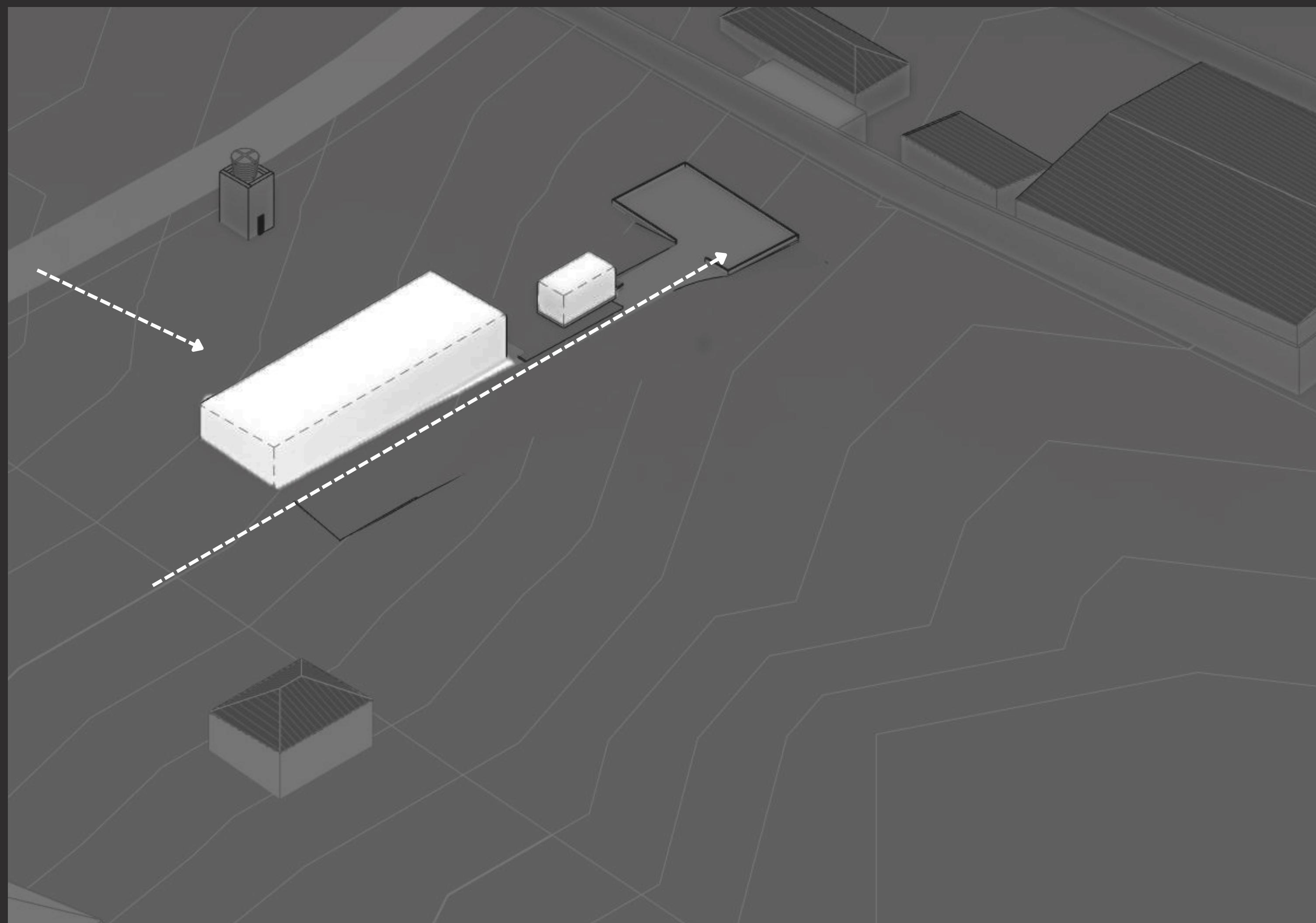
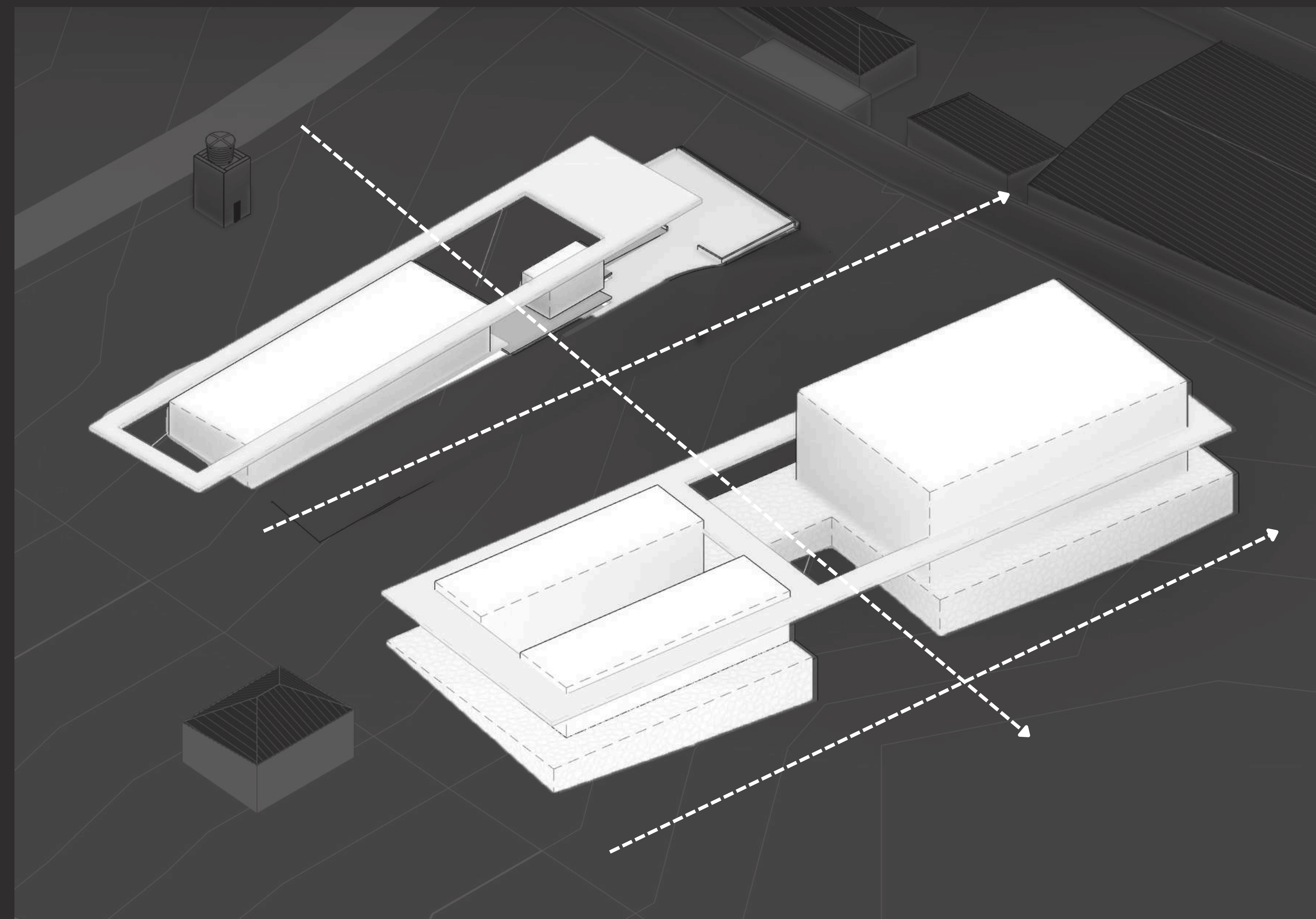


FIGURA 65 -

VOLUMETRIA

PROPOSTA ÁREA 1



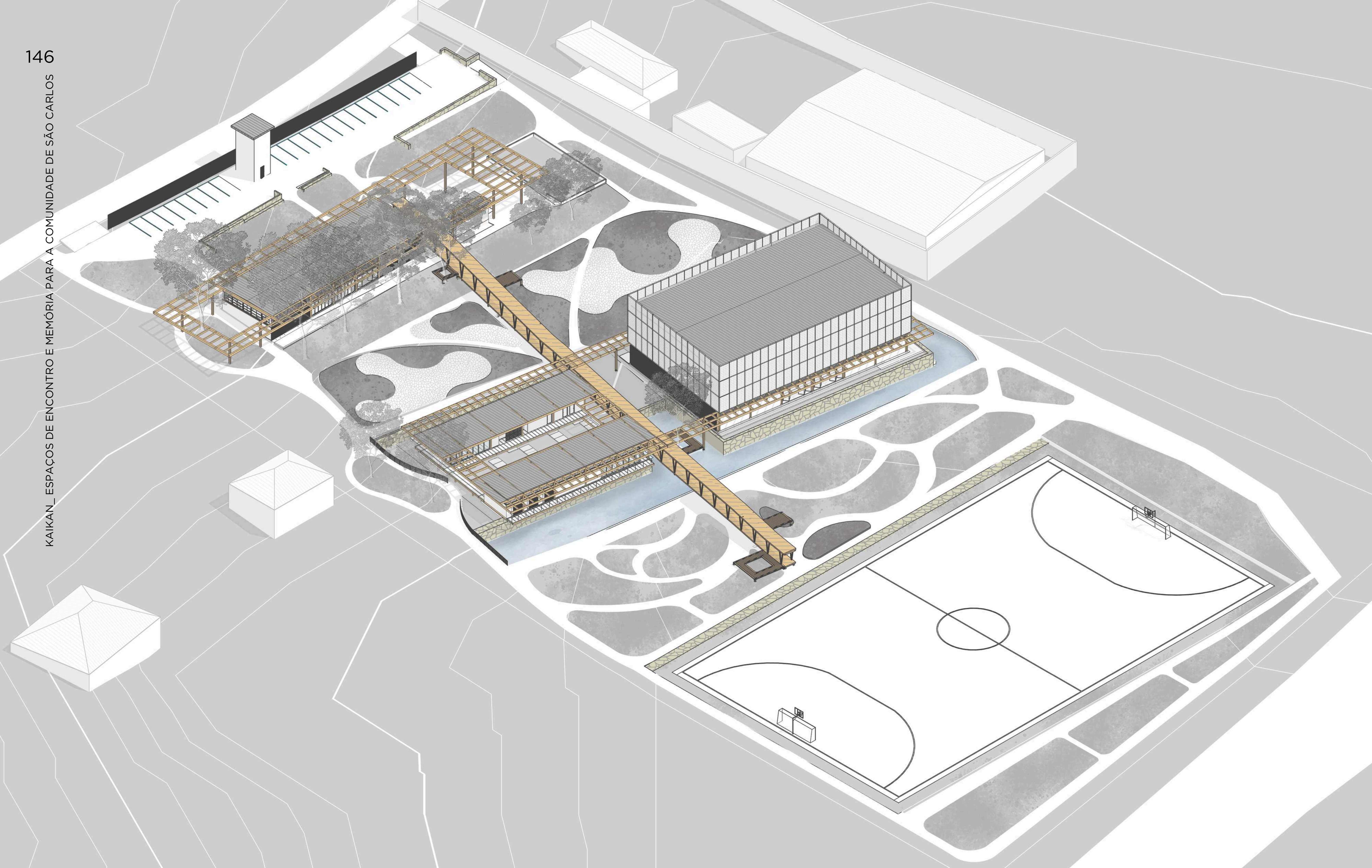


FIGURA 66 -

SEDE DE CAMPO
ISOMÉTRICA GERAL



FIGURA 67 -

SEDE DE CAMPO
PLANTA GERAL

0 6 18 30 m



- 1 SALÃO MULTIUSO
- 2 MEMORIAL
- 3 CAMPO DE GATEBALL
- 4 PERCURSO/PASSARELA
- 5 JARDIM DOS CHEIOS E VAZIOS
- 6 DORMITÓRIO
- 7 ESPELHO D'ÁGUA
- 8 QUADRA POLIESPORTIVA
- 9 JARDIM DOS CAMINHOS
- 10 DECK COM IPÊ AMARELO
- 11 CAMPO DE FUTEBOL
- 12 ESTACIONAMENTO
- 13 TORRE CAIXA D'ÁGUA

O PERCURSO E OS DOIS PAVILHÕES

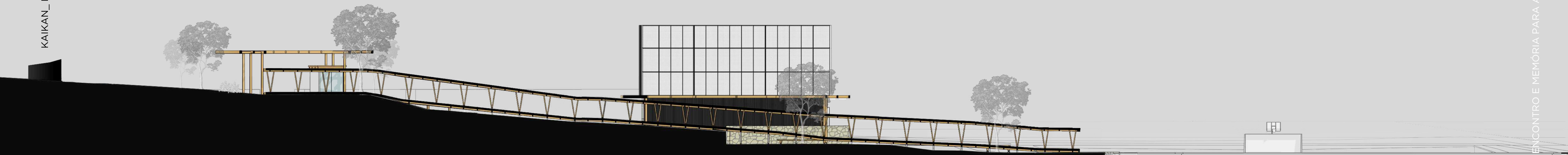
Um passeio entre o antigo e o novo

A arquitetura japonesa abraça o conceito de percurso como uma experiência contemplativa, onde o ato de caminhar revela camadas de significado e convida à introspecção. Em jardins japoneses, a passagem do tempo é sutilmente marcada pela transformação da natureza — folhas que caem, sombras que se deslocam, e a transição entre as estações. Esse diálogo entre tempo e espaço se torna o fio condutor do projeto, onde dois pavilhões, um representando a pré-existência (o passado) e outro simbolizando o novo (o futuro), são conectados por um percurso cuidadosamente elaborado.

O jardim que se estende entre os pavilhões não é apenas um espaço de transição, mas uma metáfora viva para a passagem do tempo. Assim como as árvores em jardins tradicionais marcam as estações com folhas que caem e flores que desabroçam, o percurso traduz essa evolução temporal. Cada passo convida à reflexão sobre a memória do que foi e a promessa do que está por vir, criando um espaço que não apenas conecta fisicamente, mas simbolicamente une o passado e o futuro em uma narrativa contínua e fluida.

FIGURA 68 - VISTA DA PASSARELA DE MADEIRA DA AREA 02, SEDE DE CAMPO.





0 3 12 18 m

FIGURA 69 -

SEDE DE CAMPO

CORTE A - VISTA GERAL PERCURSO

FIGURA 70 - VISTA INTERNA DO SALÃO MULTIUSO DO PAVILHÃO 01



OS JARDINS DO KAIKAN

Um passeio entre o antigo e o novo

No coração da tradição japonesa, o conceito de Shakkei — ou paisagem emprestada — revela a capacidade de integrar o ambiente natural ao espaço arquitetônico, ampliando a percepção do observador além dos limites físicos do projeto. Em meu projeto, essa ideia é materializada pelo respeito às árvores pré-existentes, que não apenas foram preservadas, mas tornaram-se elementos fundamentais na composição do espaço.

Os enquadramentos cuidadosos da paisagem criam momentos de contemplação, onde o jardim não é apenas um espaço isolado, mas um portal para a interação entre o construído e o natural. As árvores, como guardiãs do tempo, conectam o passado e o futuro, suas copas e sombras mudando ao longo das estações e ampliando a experiência do percurso. Assim, o jardim torna-se um palco para o diálogo entre arquitetura e natureza, onde o Shakkei traduz a harmonia entre o que foi herdado e o que é projetado, reforçando a ideia de continuidade e transcendência no espaço.



FIGURA 71 - VISTA INTERNA DA QUADRA POLIESPORTIVA



FIGURA 72 - VISTA DO ESTACIONAMENTO PARA O PAVILHÃO 01

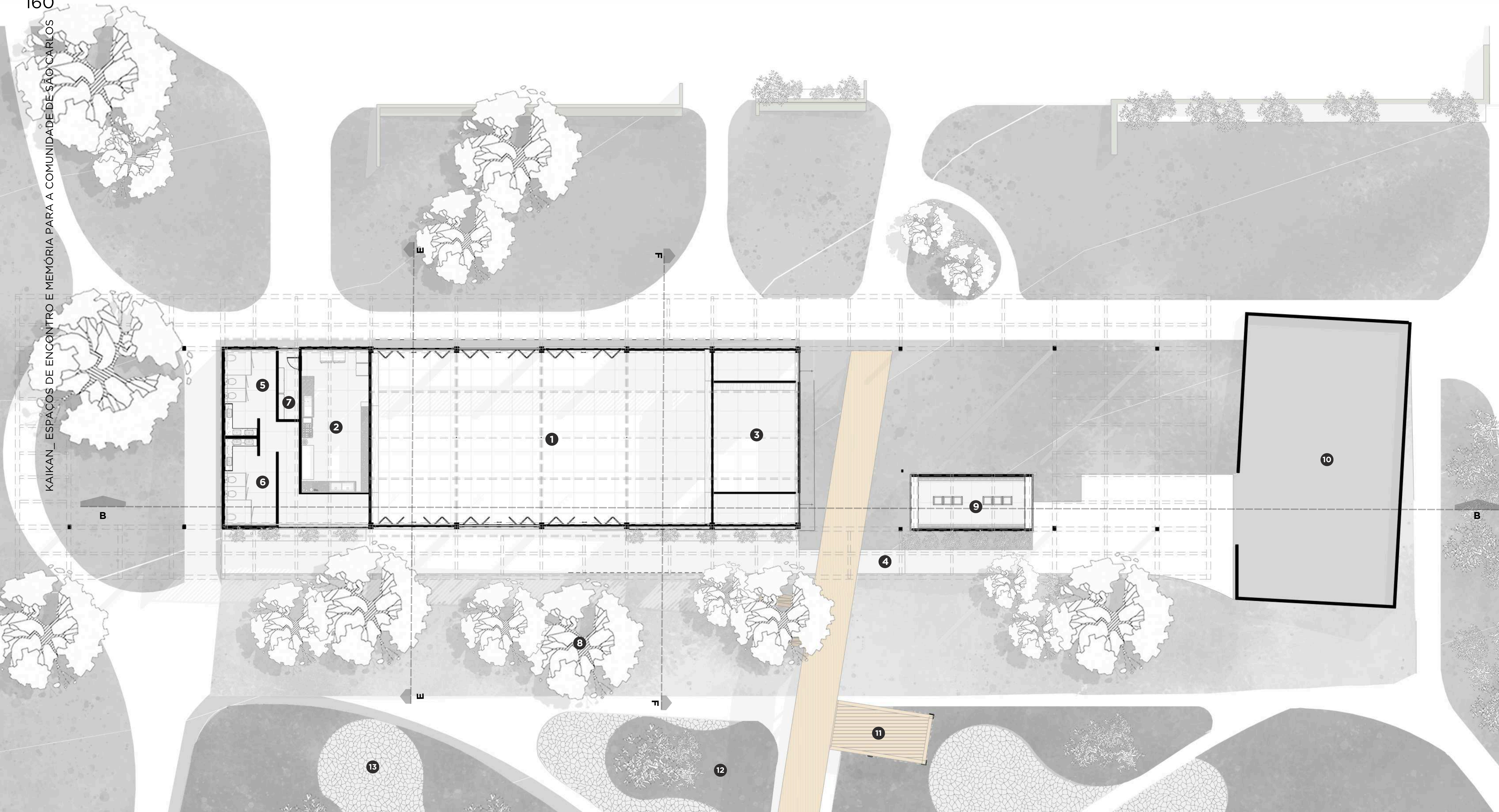
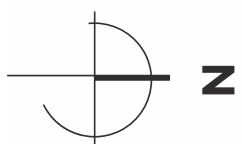


FIGURA 73 -

**SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 01 -
PLANTA GERAL**

0 1 3 5m



- 1 SALÃO MULTIUSO
- 2 COZINHA
- 3 DEPÓSITO
- 4 CONCRETAGEM
PREEXISTENTE
- 5 BANHEIRO FEMININO
- 6 BANHEIRO MASCULINO
- 7 DESPENSA
- 8 ÁRVORES
PREEXISTENTES
- 9 MEMORIAL
- 10 CAMPO DE GATEBALL
- 11 DECK
- 12 VEGETAÇÃO BAIXA
- 13 PAVIMENTAÇÃO
COM SEIXOS

obs.: a identificação
numérica dos elementos
na planta variam
conforme a imagem
mostrada



FIGURA 74 -

SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 01
ELEVAÇÃO LESTE





FIGURA 75 -

SEDE DE CAMPO -
CORTE B

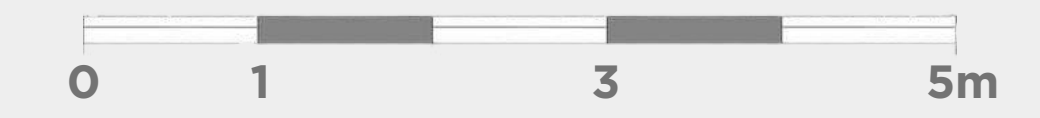




FIGURA 76 -

SEDE DE CAMPO
PAVILHÃO 01
CORTE MEMORIAL

FIGURA 77 - VISTA INTERNA DO MEMORIAL DO PAVILHÃO 01



FIGURA 78 -

SEDE DE CAMPO -
CORTE E

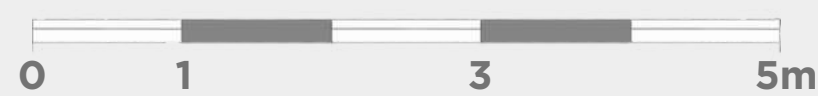


FIGURA 79 - Legenda

SEDE DE CAMPO -
VISTA ISOMÉTRICA
DA COZINHA



FIGURA 80 - Legenda

SEDE DE CAMPO -
PLANTA AMPLIADA
DA COZINHA

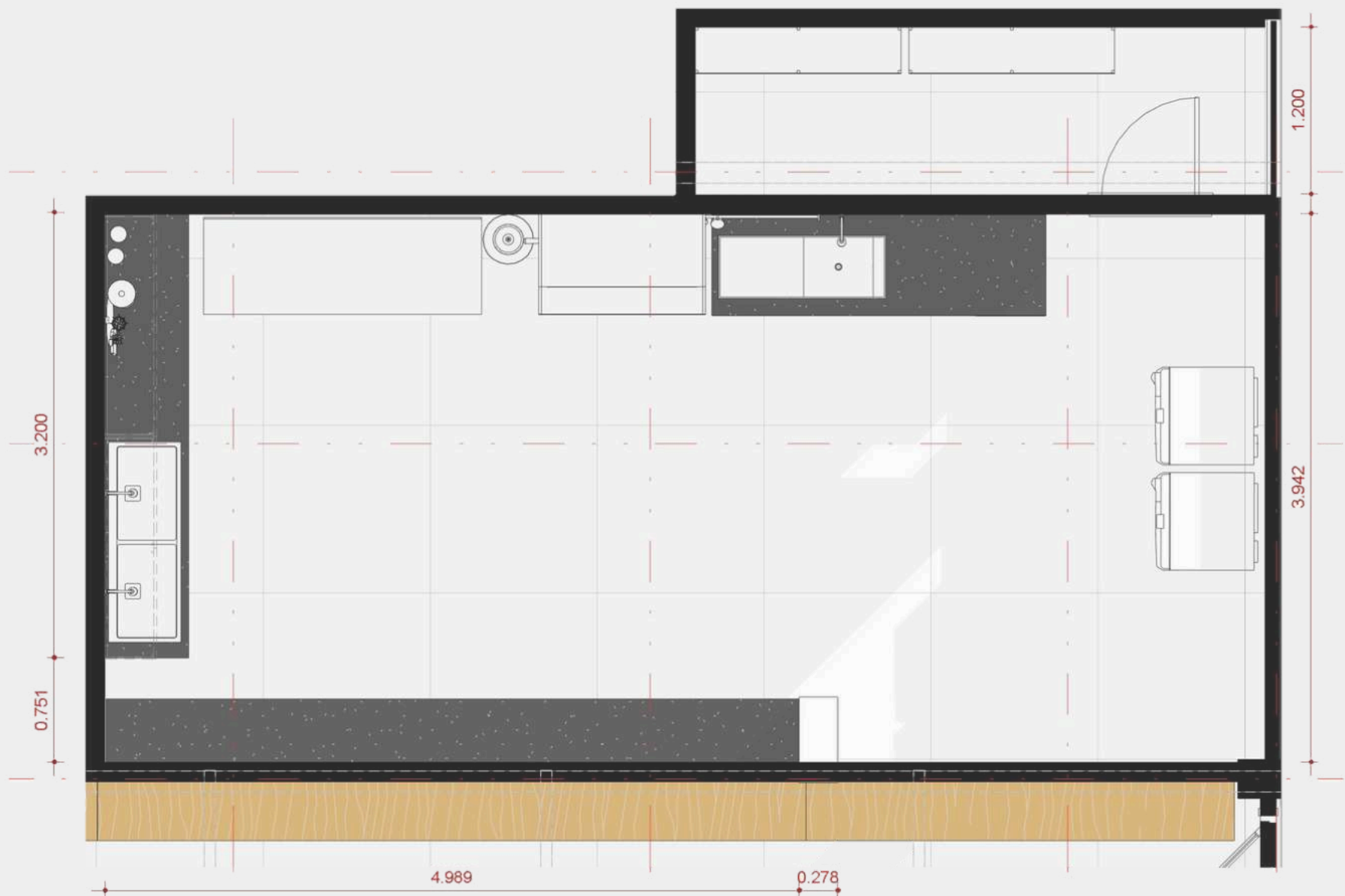


FIGURA 81 -

**SEDE DE CAMPO -
CORTE F**

0 1 3 5m



FIGURA 82 - VISTA EXTERNA DO PAVILHÃO 01





FIGURA 83 - VISTA EXTERNA DO PAVILHÃO 02

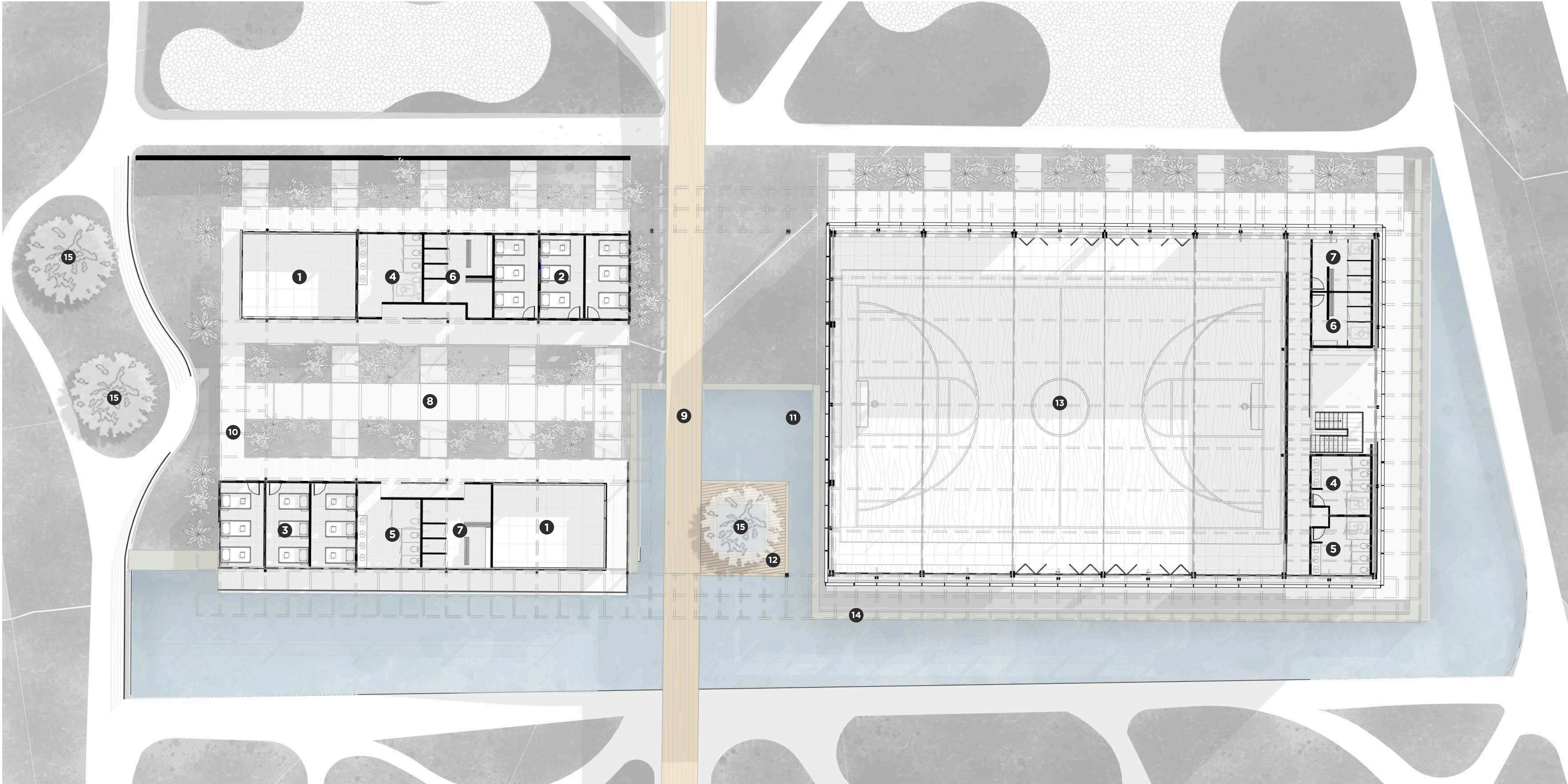
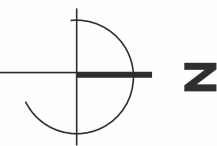


FIGURA 84 -

**SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 01 -
PLANTA GERAL**

0 1 3 5m



- 1 SALÃO MULTIUSO
- 2 DORMITÓRIO FEMININO
- 3 DORMITÓRIO MASCULINO
- 4 BANHEIRO FEMININO
- 5 BANHEIRO MASCULINO
- 6 VESTIÁRIO FEMININO
- 7 VESTIÁRIO MASCULINO
- 8 PÁTIO INTERNO
- 9 PERCURSO/ PASSARELA
- 10 DECK VARANDA
- 11 ESPELHO D'ÁGUA
- 12 DECK ESPELHO D'ÁGUA
- 13 QUADRA POLIESPORTVA
- 14 MURO DE PEDRA
- 15 ÁRVORES PLANTADAS

obs.: a identificação
numérica dos elementos
na planta variam
conforme a imagem
mostrada

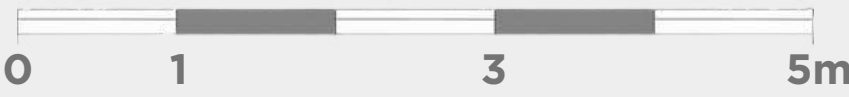


FIGURA 85 -

SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 02
ELEVAÇÃO LESTE

0 1 3 5m

FIGURA 86 -
SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 02
CORTE PERSPECTIVADO



A LANTERNA E A ÁGUA

A edificação translúcida ergue-se como uma lanterna, sua luz sutil filtrando-se pelas paredes como se estivesse prestes a se desprender e flutuar. O espelho d'água à sua frente evoca o espírito do Tōrō Nagashi, onde lanternas deslizam suavemente pelas águas, levando consigo intenções e memórias. Aqui, a arquitetura e o reflexo se tornam inseparáveis, como uma meditação sobre a efemeridade e a harmonia entre a luz e a fluidez.



FIGURA 87 - VISTA EXTERNA PAV. 02 - QUADRA E O ESPELHO D'ÁGUA

FIGURA 88 -

SEDE DE CAMPO -
PAVILHÃO 02
 CORTE D

0 1 3 5m

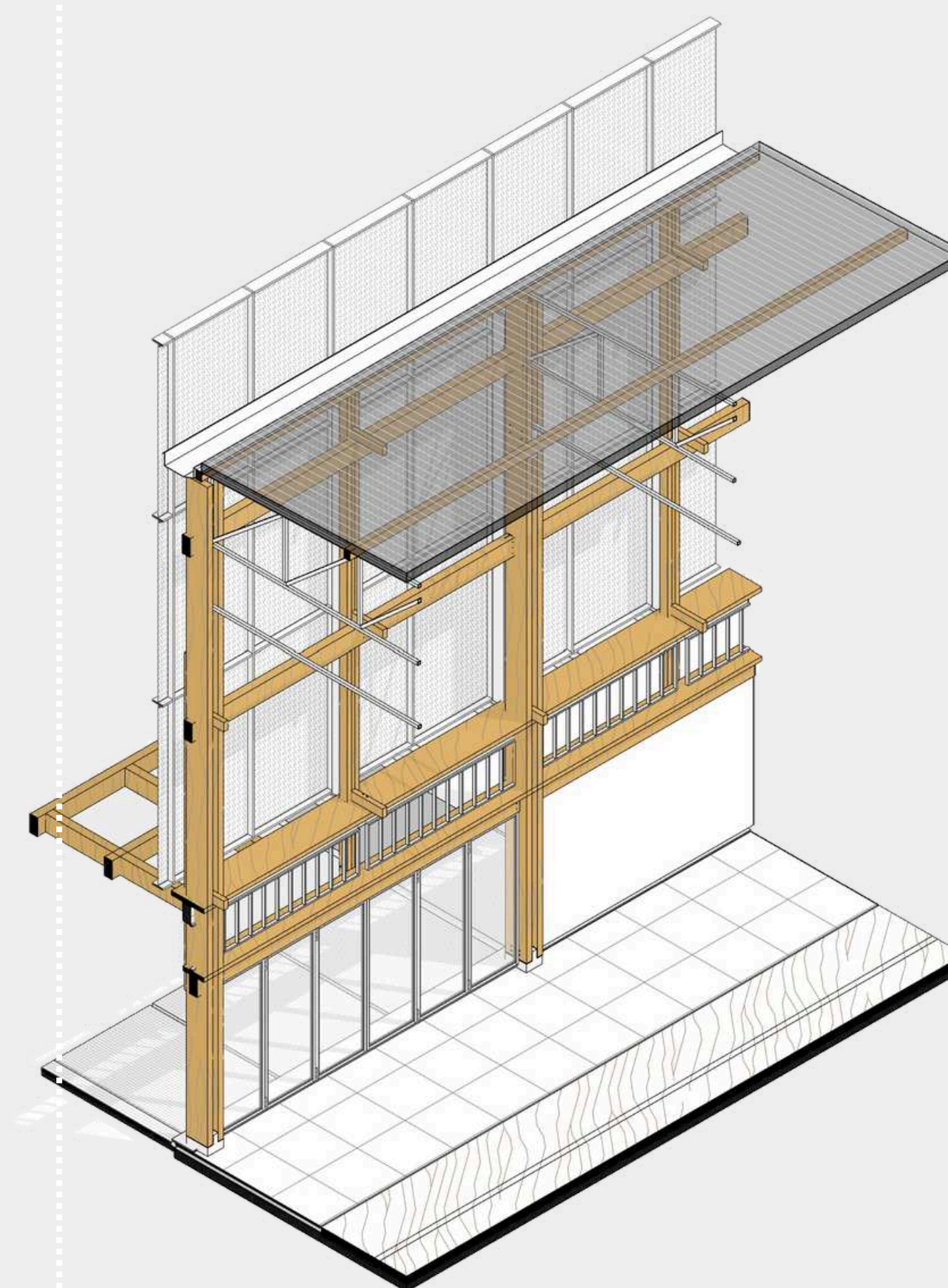


FIGURA 89 -
 PAVILHÃO 02 - VISTA ISOMÉTRICA
 AMPLIADA DOS PAINEIS
 METÁLICOS PERFURADOS DA Q



FIGURA 90 -
 PAVILHÃO 02 CORTE AMPLIADO
 DOS PAINEIS DE FACHADA DA
 QUADRA



FIGURA 91 - VISTA EXTERNA PVILHÃO 01 - JARDINS DOS CHEIOS E VAZIOS

FIGURA 92 - VISTA INTERNA QUADRA POLIESPORTIVA



FIGURA 93 - VISTA EXTERNA DECK DO ESPELHO D'ÁGUA





FIGURA 94 - PAVILHÃO 02 - DECK DOS DORMITÓRIOS



FIGURA 95

ÁREA 01 - SEDE SOCIAL



FIGURA 96

ÁREA 02 - SEDE DE CAMPO

A.1 KAIKAN

SEDE SOCIAL





AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus professores Aline e David, que foram os orientadores do meu trabalho de graduação. Suas orientações sempre me desafiaram e me fizeram refletir sobre as decisões de projeto, tensionando meus limites criativos e intelectuais de maneira que impulsionou o avanço do trabalho. A cada encontro, vocês me ajudaram a enxergar novas possibilidades e a amadurecer enquanto arquiteta.

Agradeço aos meus amigos da graduação, que sempre estiveram ao meu lado durante esse percurso desafiador. Os momentos de descontração e o apoio que me ajudaram em diversos momentos.

A temática do meu trabalho, centrada no Kaikan, uma associação japonesa, é especialmente significativa para mim. Foi um desafio poder explorar essa ligação com minha identidade nipo-brasileira e ressignificar valores culturais que fazem parte de quem eu sou. Esse projeto foi não apenas um exercício acadêmico, mas também uma jornada pessoal.

Não poderia deixar de mencionar minha gratidão aos meus pais, que sempre me apoiaram e me proporcionaram as condições para que eu conseguisse terminar a faculdade. Obrigada por acreditarem em mim e por serem minha base em todos os momentos. E, finalmente, ao meu namorado Daniel, que esteve ao meu lado durante todos os anos de graduação, compartilhando comigo as alegrias e os desafios dessa caminhada.

Esse trabalho é a síntese de todo aprendizado que tive ao longo do curso de Arquitetura e Urbanismo do IAUUSP, agradeço o instituto pelo apoio e infraestrutura fornecidos para realização desse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A presença japonesa em São Carlos: caderno de pesquisa/ Fundação Pró-Memória de São Carlos. São Carlos:FMSC, 2011.

A situação atual da colônia japonesa no Brasil:um país de sociedade multicultural. Centro de Estudos Nipo-brasileiro. São Paulo, 2021.

BORTOLUCCI, Maria Angela Pereira de Castro e Silva. Moradias urbanas: construídas em São Carlos no período cafeeiro. 1991. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. doi:10.11606/T.16.1991.tde-01022022-160215. Acesso em: 2024-06-18.

DEZEM, Rogério. Matizes do Amarelo: A Gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1879-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005

MAESIMA, Cacilda. Japoneses, Multietnicidade e Conflito na Fronteira: Londrina, (1930/1958). 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.
SAITO, Hiroshi. A presença japonesa no Brasil. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980.

SAKURAI, Célia. Romanceiro da imigração japonesa. São Paulo: Editora Sumaré, 1993.

SAKURAI, Célia. Imigração Tutelada: Os japoneses no Brasil. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

SAKURAI, Célia. Imigração Japonesa para o Brasil: um exemplo de Imigração Tutelada (1908-1941). IN: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: EDUSP, 1999

TAKEUCHI, M. Y. Imigração japonesa nas revistas ilustradas: Preconceito e imaginário social (1897-1945). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2016.

TAKEUCHI, M.Y. O perigo amarelo em tempos de guerra (1939-1945). São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

TAKEUCHI, M.Y. Japoneses: A saga de um povo nascente. Coord. Maria Luízia Tucci Carneiro. São Paulo: Companhia Editorial Nacional: Lazuli Editora, 2007

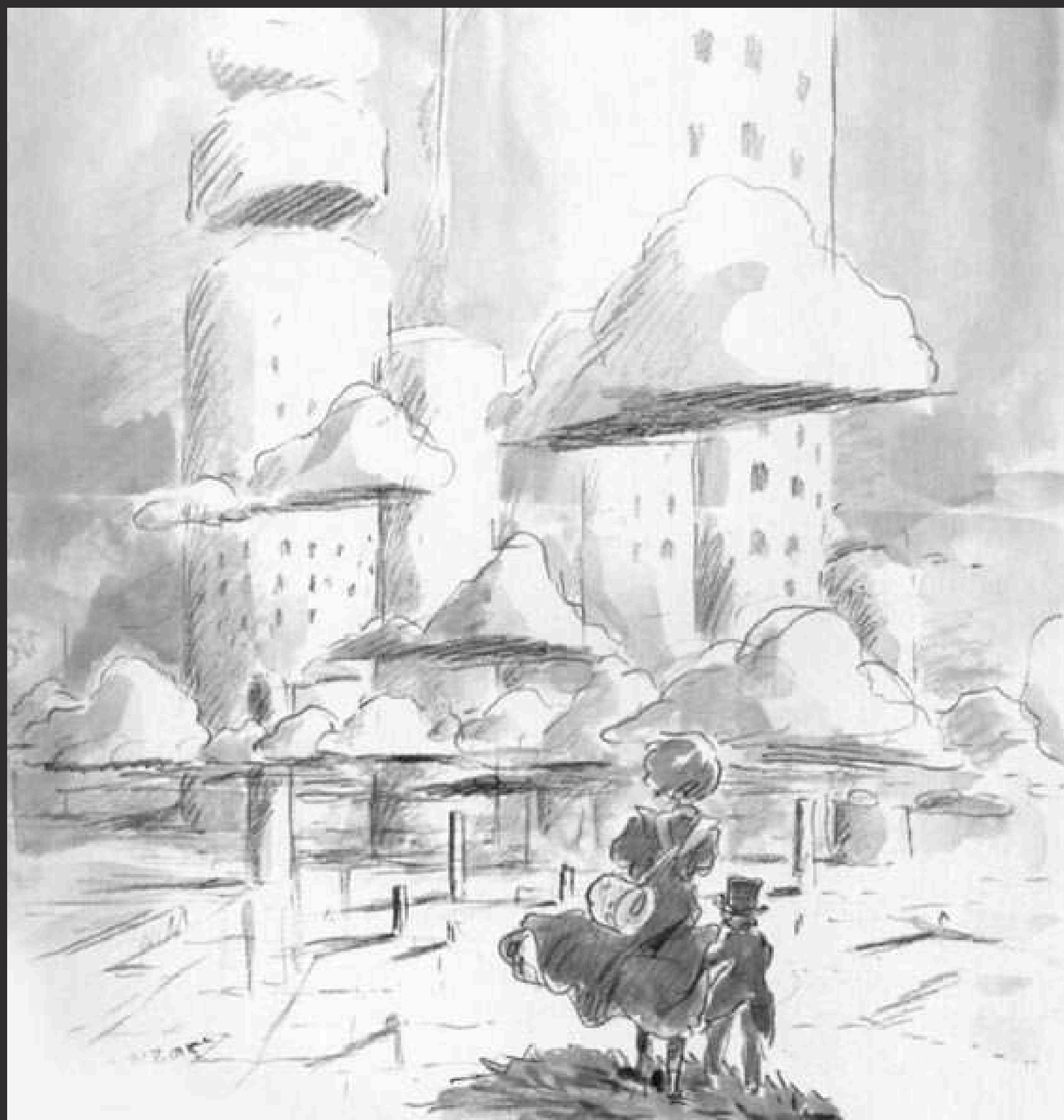


Imagem do meu filme preferido do Studio Ghibli , “Sussurros do Coração” .